

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-Graduação em Letras

Liliane Souza do Amaral

**O PROCESSO DE TEMPOROESPACIALIZAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO
INTERLOCUTIVO**

Belo Horizonte
2012

Liliane Souza do Amaral

**O PROCESSO DE TEMPOROESPACIALIZAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO
INTERLOCUTIVO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, área de Linguística e Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Milton do Nascimento

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Sandra Silva Cavalcante

Belo Horizonte
2012

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

A485p Amaral, Liliane Souza do
O processo de temporoespacialização na construção do espaço interlocutivo /
Liliane Souza do Amaral. Belo Horizonte, 2012.
64 f.:il.

Orientador: Milton do Nascimento
Co-orientadora: Sandra Silva Cavalcante
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Letras.

1. Narrativa (Retórica). 2. Semântica. 3. Análise do discurso. 4. Teoria da
recursão. 5. Cognição. I. Nascimento, Milton do. II. Cavalcante, Sandra Silva.
III. Pontifícia Universidade Católica de Gerais. Programa de Pós-Graduação em
Letras. IV. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 800.85

Liliane Souza do Amaral

**O PROCESSO DE TEMPOROESPACIALIZAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO
INTERLOCUTIVO**

Dissertação defendida publicamente no Programa de
Pós-graduação em Letras da PUC Minas e aprovada
pela seguinte Comissão Examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Carla Viana Coscarelli - UFMG

Prof^ª. Dr^ª. Josiane Andrade Militão - PUC Minas

Prof^ª. Dr^ª. Sandra Maria Silva Cavalcante (Coorientadora) - PUC Minas

Prof. Dr. Milton do Nascimento (Orientador) - PUC Minas

Belo Horizonte, 30 de agosto de 2012.

Ao Albano, com todo meu amor.

AGRADECIMENTOS

À minha coorientadora Sandra Cavalcante, por toda paciência, disponibilidade, apoio e carinho de sempre.

Aos meus queridos professores da graduação e da pós-graduação pelo incentivo, carinho e amizade.

Aos meus amigos e colegas da graduação e da pós que sempre torceram por mim.

À CAPES e ao CNPq, por financiar este trabalho através da bolsa de mestrado.

À minha família, pelo amor e pelo incentivo.

Ao Albano, pelo amor, pelo companheirismo, pelo apoio, pela cumplicidade... Sua presença foi imprescindível para vencer mais essa etapa.

À querida Lara, pela compreensão e pela gentileza, presença solidária em vários momentos.

Agradecimento especial:

A você, Milton,

*Mestre, professor, orientador, amigo.
Agradeço pela paciência, pelo carinho, pela
escuta sempre questionadora e por me
incentivar a ir sempre além...*

“Os meus escritos, todos eles ficaram por acabar; sempre se interpunham novos pensamentos, extraordinárias, inexpulsáveis associações de idéias cujo termo era o infinito. Não posso evitar o ódio que os meus pensamentos têm a acabar seja o que for; uma coisa simples suscita dez mil pensamentos, e destes dez mil pensamentos brotam dez mil inter-associações, e não tenho força de vontade para os eliminar ou deter, nem para os reunir num só pensamento central em que se percam os pormenores sem importância mas a eles associados.”

(Fernando Pessoa)

RESUMO

Um pressuposto básico da Linguística Cognitiva é o de que seus objetos de estudo instituem-se no âmbito da linguagem em ação. Isso implica abordar tais objetos e especificá-los em termos de operações realizadas pelos falantes na produção de texto/sentido. Implica, também, (re)construir a própria noção de textos e/ou estruturas de sentido em termos de entidades emergentes, resultante de tais operações, de forma que possamos atribuir um estatuto de realidade a expressões tais como produção de texto/sentido. Partindo desse pressuposto, delimitou-se como objeto de investigação para este trabalho um conjunto de operações tidas como necessariamente envolvidas no processo de temporoespacialização do espaço interlocutivo. Assumiu-se como hipótese que tal processo implica, fundamentalmente, operações de seleção, inclusão e arranjo de eventos no espaço da interlocução. O trabalho organiza-se em três capítulos. No capítulo 1, apresenta-se e justifica-se a natureza e a organização da pesquisa em questão. No capítulo 2, visando-se a especificar e qualificar as operações a serem tomadas como objeto de estudo, articula-se uma série de pressupostos teórico-metodológicos adotados em trabalhos já realizados no âmbito da Linguística Cognitiva; trata-se de pressupostos advindos de perspectivas teóricas diversas, tais como: a noção de Linguagem como um Sistema Adaptativo Complexo; a descrição do funcionamento do processo enunciativo tal como postulada por Benveniste e pressupostos relativos à organização e ao funcionamento do processamento discursivo tal como advogados pela Teoria da Integração Conceitual. No capítulo 3, procura-se descrever e testar os tipos de operações postuladas no capítulo 2. Inicialmente, adota-se um viés apenas descritivo para, a seguir, examinar a possibilidade de se atribuir um caráter explicativo às operações descritas, buscando tipificá-las como instâncias de um princípio mais básico na caracterização da linguagem: a recursividade ou recursão. Para realização do que se propõe nos capítulos 2 e 3, foram adotados como procedimentos: (i) criar uma situação interacional, na qual três informantes receberam a incumbência de assistir a uma narrativa fílmica e, em seguida, recontá-la oralmente para um suposto auditório composto por estudantes reunidos em uma sala de aula; (ii) transcrever as respectivas narrativas, documentadas em linguagem audiovisual e, por fim, (iii) analisar as narrativas transcritas, em uma perspectiva de exemplificação da discussão teórica realizada, visando às conclusões do trabalho em questão.

Palavras-chave: Espaço enunciativo; Temporoespacialização; Recursão.

ABSTRACT

A basic assumption of Cognitive Linguistics is that their subjects are instituted within the language in action. This involves dealing with such objects and specify them in terms of operations performed by speakers in text/sense production. It also implies (re)construct the notion of text and/or structures of meaning in terms of entities emerging as a result of such operations, so that we can assign a status of reality to such expressions as text/sense production. Based on this assumption, as delimited object of research for this work a set of operations taken as necessarily involved in the temporal-spatialization process in space interlocutive. It was assumed as a hypothesis that this process involves basically operations of selection, inclusion and arrangement of events in the space of interlocution. The work is organized into three chapters. In chapter 1, presents and justifies the nature and organization of research in question. In chapter 2, in order to specify and describe the operations to be taken as an object of study, articulates a series of theoretical and methodological assumptions adopted in the work already done within the Cognitive Linguistics; assumptions it is coming from perspectives different theoretical, such as: the notion of language as a Complex Adaptive System, a description of the operation of the enunciative process as postulated by Benveniste and assumptions concerning the organization and functioning of a discursive process as advocated by Conceptual Integration Theory. In chapter 3, we attempt to describe and test the types of operations postulated in chapter 2. Initially, we adopt a bias only descriptive, then examine the possibility of assigning an explanatory character to the operations described, seeking typifies them as instantiations of a most basic principle in the characterization of language: recursion. For realization of what is proposed in chapters 2 and 3, were adopted as the following: (i) create an interactional situation in which three informants were tasked with watching a film narrative, and then retell it orally to a supposed audience composed of students gathered in a classroom, (ii) transcribing their stories documented in audiovisual language and, finally, (iii) analyze the narratives transcribed in a perspective of exemplification of the theoretical discussion carried out in order to conclusions work in question.

Keywords: Enunciative space; Temporal-spatialization; Recursion.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Representação esquemática dos fatores externos e internos do organismo relacionados com a Faculdade da Linguagem	21
FIGURA 2 – Diagrama básico de uma rede conceitual integrada	38
FIGURA 3 – Estrutura recursiva e estrutura não-recursiva	55

LISTA DE SIGLAS

AP – Sistema Articulatorio Perceptual

CI – Sistema Conceitual Intencional

FL – Faculdade de Linguagem

FLB – Faculdade da Linguagem em Sentido Amplo

FLN – Faculdade da Linguagem em Sentido Restrito

SAC – Sistema Adaptativo Complexo

TIC – Teoria da Integração Conceitual

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	13
1.1. Considerações iniciais	13
1.2. Objeto de estudo e hipótese	15
1.3. Justificativa	15
1.4. Metodologia	16
<i>1.4.1. A experiência realizada</i>	<i>16</i>
<i>1.4.1.1. O curta-metragem “Vida Maria”</i>	<i>17</i>
<i>1.4.2. Procedimentos</i>	<i>17</i>
<i>1.4.3. Objetivos</i>	<i>18</i>
1.5. Organização do trabalho	18
 2 – PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS ADOTADOS .	
2.1. Por uma visão natural da Linguagem	19
2.2. Sobre sistemas	19
<i>2.2.1. Principais características dos Sistemas Adaptativos Complexos</i>	<i>26</i>
2.3. Compreendendo a Linguagem como um Sistema Adaptativo	27
Complexo (SAC)	
2.4. Processamento Discursivo e Construção de texto/sentido	30
<i>2.4.1. Texto e Enunciação</i>	<i>32</i>
<i>2.4.2. Referenciação e Integração de Espaços Referenciais</i>	<i>32</i>
<i>2.4.2.1. Alguns pressupostos da Teoria da Integração Conceitual</i>	<i>34</i>
<i>2.4.3. Temporoespacialização na configuração do espaço interlocutivo.....</i>	<i>35</i>
<i>2.4.4. A Recursão</i>	<i>41</i>
2.5. Síntese do Capítulo 2	43
	43
 3 – APLICAÇÕES	
3.1. A temporoespacialização no curta-metragem “Vida Maria”	46
3.2. A temporoespacialização na narrativa do informante A	48
3.3. A temporoespacialização na narrativa do informante B	48
3.4. A temporoespacialização na narrativa do informante C	50
 CONCLUSÃO	23
 REFERÊNCIAS	

1 – INTRODUÇÃO

1.1. Considerações iniciais

Nós, seres humanos, interagimos um com o outro e com o mundo a todo o momento: contamos his(es)tórias sobre coisas, eventos, sobre nós mesmos e sobre os outros; nos posicionamos diante de acontecimentos; pedimos, aceitamos, recusamos, censuramos, confirmamos, negamos fatos e pessoas, manifestamos uma infinidade de sentimentos e tudo isso através da capacidade humana de se comunicar, de interagir.

Essa capacidade se manifesta pelo uso de diferentes sistemas simbólicos e, assim sendo, através do sistema linguístico. Esse sistema implica uma dimensão conceitual, relativa ao “o quê” se diz, ao conteúdo referencial, aos objetos de discurso que passam a ser objeto de atenção entre os interlocutores e uma dimensão formal, relativa ao “como” se diz, o que inclui aspectos implicados no processo de estruturação morfossintática e em gesticulações (de mãos, braços, cabeça, boca, olhares), aliadas ou não à fala. Na interação, muitos são os elementos que entram em cena: os participantes do discurso, o momento e o lugar em que se dá a interação, os objetos de discurso, aquilo sobre “o que” e “como” se “diz”, etc.

Somos sujeitos sociobioculturais, cujas ações envolvem as dimensões biológica, cultural e social de forma integrada. Sendo assim, “ser” implica operações de ordem cognitiva e discursiva. É importante destacar que a cognição, neste trabalho, é compreendida, em consonância com Johnson (2007), como um sistema que engloba processos mentais, corpo e interação do sujeito com o mundo, ou seja, inclui também o discurso (dimensões sociais e culturais).

É no processo de interlocução que essas operações se manifestam e ao analisar situações de interação, através do “quê” e “como” é revelado, podemos encontrar pistas que possibilitem revelar os bastidores desse processo.

São várias as teorias sobre discurso/texto/linguagem que buscam compreender as operações implicadas no processamento discursivo, na construção de sentido, sejam essas operações cognitivas, discursivas e/ou textuais.

Este trabalho utiliza alguns princípios teóricos do campo da Linguística Cognitiva. Pesquisadores dessa área do conhecimento buscam estudar a linguagem em uso, focalizando objetos de estudo no domínio do comportamento dos falantes no processo de produção de sentido, ou seja, em interação no seu meio.

Nessa perspectiva, o objeto empírico da Linguística Cognitiva, o modo como os seres humanos agem, se comportam, no processo de produção de sentido, na e pela linguagem, se mostra como um fenômeno sempre novo, único em cada uma de suas instâncias, caracterizando-se como uma atividade criativa, adaptativa, complexa.

Para estudar um fenômeno que se revela sempre como particular e encontrar e propor explicações generalizadas, os pesquisadores que trabalham na área procuram, sempre, identificar e elucidar princípios, operações, processos, padrões que subjazem à atividade de produção de sentido. O fato de as ações discursivas dos falantes serem sempre novas e criativas e, simultaneamente, eles se entenderem, leva à busca pela compreensão do que é definitivo, constante, do que mantém a natureza, a identidade do processamento enunciativo/discursivo na dinâmica de sua variação.

Como exemplos de estudos da Linguística Cognitiva que buscam explicitar operações constantes subjacentes à produção de sentido, podem-se citar: a projeção de esquemas imagéticos, apresentados como básicos para toda a produção de sentido (JOHNSON, 2007); a projeção e integração recursiva de redes de espaços mentais, postulada pela Teoria da Integração Conceitual como uma das condições necessárias da produção de sentido (FAUCONNIER; TURNER, 2002); a operação ‘fusão’ (merge), postulada no Programa Minimalista (HAUSER; CHOMSKY; FITCH, 2002); (CHOMSKY, 2005) como a única operação sintática, em sentido restrito, responsável pela configuração hierárquica das sentenças de uma língua.

Entre esses vários teóricos que postulam operações constantes na dinâmica de variação da linguagem (do processamento enunciativo/discursivo), pode-se citar, também, Benveniste. Segundo o pesquisador, há um “modelo constante” característico de todo e qualquer processo enunciativo, caracterizado como sendo o Aparelho Formal da Enunciação: o falante, locutor, se constitui como enunciador, dirigindo-se a um alocutário, instituindo-o como enunciatário, num tempo e espaço discursivos. De acordo com Benveniste, o Aparelho Formal da Enunciação corresponde às “condições iniciais que vão reger todo o mecanismo da referência no processo de enunciação” (1989, p. 83-84).

É a partir dessa breve reflexão inicial que situo o objeto de estudo deste trabalho, a ser especificado no próximo tópico.

1.2. Objeto de estudo e hipótese

Partindo da perspectiva da Linguística Cognitiva e do pressuposto de Benveniste sobre as operações constitutivas do “Aparelho Formal da Enunciação” é que situo o problema proposto para investigação neste trabalho e que, neste momento, é descrito em termos do seguinte questionamento: *como o falante temporoespacializa o espaço interlocutivo de que participa?*

Portanto, assume-se como objeto de estudo *as operações básicas de construção de tempo/espço realizadas pelos falantes na configuração do espaço interlocutivo*, ou, dito de outro modo, *a temporoespacialização na construção do espaço interlocutivo*.

Diante do exposto, uma hipótese passa a ser considerada: *o processo de temporoespacialização na construção do espaço interlocutivo implica fundamentalmente operações de seleção, inclusão e arranjo de eventos*.

Assumir essa hipótese significa considerar que na configuração da cena enunciativa básica (construção do espaço interlocutivo) o falante necessariamente integra atos, acontecimentos, fatos (Quem? Quando? Como? Onde? O quê? Por quê?). Note-se que respostas a essas perguntas resultam, necessariamente, na temporoespacialização de atos/ações nos cenários do espaço interlocutivo.

1.3. Justificativa

Durante meu percurso acadêmico, me dediquei a leituras e pesquisas que abordassem o processo de produção de sentido, sobretudo considerando a dimensão cognitiva. Esse também foi o principal tema que me levou a participar de aulas e seminários durante o mestrado. Em vários desses momentos, foi possível observar que esse é um assunto amplo e fonte de várias discussões.

Este trabalho pretende colaborar com esse aspecto, buscando explicitar a natureza das operações constitutivas do Aparelho Formal da Enunciação.

Note-se que selecionar, incluir e organizar eventos implica necessariamente construir “agentes/ações em tempo/espço discursivos”. Essa é uma característica essencial da narrativa. Assumir como hipótese que a seleção, inclusão e arranjo de eventos é a operação base da criação de todo espaço interlocutivo, leva à compreensão de que a habilidade de narrar é natural, uma atividade constitutiva da linguagem, o que justifica a escolha da

utilização de narrativas para os fins pretendidos no trabalho proposto. Essa constatação vai ao encontro do que Bakhtin postula sobre gêneros do discurso: “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2006, p. 262). O autor divide os gêneros em “primários” (gêneros da vida cotidiana, formados em comunicações discursivas imediatas) e “secundários” (pertencentes às “esferas de comunicação” mais elaboradas em termos culturais), sendo que, os gêneros secundários são constituídos a partir dos gêneros primários (*ibidem*, p. 263). Entre os últimos, encontramos a “narrativa”. Assim sendo, ela é base para a construção de vários outros gêneros discursivos.

1.4. Metodologia

1.4.1. A experiência realizada

Para fins ilustrativos, foi realizada uma experiência com três informantes (uma menina de 13 anos, um menino de 18 anos e uma mulher de 35 anos) a partir do curta-metragem “Vida Maria”. A escolha por diferentes faixas etárias dos informantes objetivou mostrar que na diferença há algo que é comum, igual, natural, e que se atualiza de modos diferentes.

Os três informantes, separadamente, foram orientados a assistirem ao filme e em seguida narrar a história a que assistiram. Foi solicitado que eles realizassem esse procedimento de frente para a câmera em processo de filmagem, imaginando estar contando a história do filme para pré-adolescentes entre 12 e 13 anos de uma escola, ou seja, para alunos em uma sala de aula. Cada informante foi avisado de que estava sendo gravado e de que a gravação, da história contada por ele, seria mostrada para os alunos antes que os mesmos assistissem ao filme “contado”. Foi realizado esse procedimento com um informante por dia, para que não houvesse influência de uma narrativa sobre a outra.

A proposta foi, portanto, colocar os informantes em uma situação de construir uma narrativa oral a partir de uma narrativa configurada em um filme. Essa escolha deve-se ao objetivo de analisar o enquadramento espaço-temporal no filme, ou seja, em um suporte multimidiático, e comparar com o enquadramento realizado pelos informantes na oralidade.

O curta “Vida Maria” foi selecionado por apresentar importantes marcações de espaço/tempo; com duração de menos de 10 minutos, é possível observar a passagem de vários anos, de gerações de uma família.

1.4.1.1. O curta-metragem Vida Maria¹

Filme curta-metragem em animação, produzido em computação gráfica 3D, foi criado em 2006 por Márcio Ramos², com duração de 08 minutos e 34 segundos. Sua realização foi possível através de recursos do edital “3º Prêmio Ceará de Cinema e Vídeo”, realizado pelo Governo do Estado do Ceará. O curta participou de uma série de festivais de cinema nacionais e internacionais, conquistando vários prêmios, e consagrou-se como o filme mais premiado do Brasil no ano de 2007.

É a história de Maria José, personagem que é levada a deixar seus estudos para trabalhar. Morando no sertão, sem perspectiva de uma vida melhor, enquanto trabalha, ela cresce, se casa, tem vários filhos e envelhece. Ao final, um caderno com nomes de várias “Marias” demonstra ser essa uma história de vida das várias gerações da família.

Segundo informações da *homepage* de Márcio Ramos, o filme mostra personagens e cenários modelados com texturas e cores pesquisadas e capturadas no sertão cearense, no Nordeste do Brasil, criando uma atmosfera realista e humanizada.

Na configuração do filme há dois momentos de “falas” da mãe para a filha, em duas gerações diferentes. A trilha sonora e os enquadramentos da câmera são elementos importantíssimos para as marcações temporais e espaciais da narrativa.

1.4.2. *Procedimentos*

Os procedimentos adotados na condução do trabalho foram: a) pesquisa bibliográfica; b) gravação e transcrição das narrativas orais; c) análise do enquadramento espaço-temporal no filme; d) análise do enquadramento espaço-temporal nas narrativas produzidas pelos três informantes do trabalho; e) comparação entre (c) e (d).

1.4.3. *Objetivos*

O objetivo geral deste trabalho é, portanto, *verificar como o falante temporoespacializa o espaço interlocutivo de que participa*, a fim de testar a hipótese de que

¹ Segue anexado a este trabalho o filme gravado em DVD.

² “Márcio Ramos é gaúcho, residente em Fortaleza desde a infância. Trabalha desde 1991 como editor de vídeo, designer, diretor e produtor de animação para TV, filmes e internet. Foi responsável pelo roteiro, direção e animação de seu primeiro filme curta-metragem “Vida Maria”. Atualmente tem o estúdio de animação VIACG em Fortaleza, Ceará, realizando computação gráfica para TV, filmes e internet.” (CURRÍCULOS, 20 jun. 2012).

o processo de temporoespacialização na construção do espaço interlocutivo implica fundamentalmente operações de seleção, inclusão e arranjo de eventos.

Pretendo com este trabalho, especificamente:

- a) identificar e analisar as operações realizadas pelos falantes na construção do espaço interlocutivo, a partir do curta selecionado, no que se refere às categorias tempo e espaço;
- b) analisar o enquadramento espaço-temporal no filme, ou seja, em um suporte multimidiático, e comparar com o enquadramento realizado pelos informantes, buscando identificar do que há de comum e de diferente, e o que é necessário, em termos da configuração de espaços enunciativos, que interfere nas diferentes manifestações (narrativas).
- c) explicitar a natureza dessas operações realizadas pelos falantes na construção do espaço interlocutivo, com a finalidade de examinar se elas podem ser reduzidas a uma operação e/ou princípio básico.

1.5. Organização do trabalho

Além das considerações apresentadas neste capítulo introdutório, este trabalho compõe-se de mais dois capítulos e das conclusões.

No capítulo 2, articulo um conjunto de pressupostos teórico-metodológicos que pretendo propor como instrumental a ser utilizado na identificação e análise de operações constitutivas básicas de espaços interlocutivos no processamento discursivo.

No capítulo 3, utilizo a experiência realizada com o objetivo de exemplificar a utilização dos pressupostos teórico-metodológicos propostos no capítulo 2.

Por fim, apresento as conclusões a partir do trabalho realizado.

2 – PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS ADOTADOS

Neste trabalho, assumo como objeto de estudo: *as operações de temporoespacialização realizadas pelos falantes na construção do espaço interlocutivo*. A seguir, passo a especificar tal objeto começando por explicitar a noção de linguagem que adotei em sua delimitação.

Neste trabalho, a linguagem é compreendida como um sistema adaptativo complexo (SAC).

Para descrever os fundamentos implicados nessa concepção, se faz necessário: a) explicitar aspectos envolvidos no estudo da linguagem, compreendida como um objeto do mundo natural; b) apontar o que se entende por um SAC e c) na perspectiva de Nascimento (2009), Paiva e Nascimento (2009) e Santos (2010) propor um modelo teórico que integre as abordagens aqui desenvolvidas.

2.1. Por uma visão natural da Linguagem

Um determinado estudo, sobre qualquer objeto de investigação, pode ser desenvolvido sob vários pontos de vista. Este será escolhido a depender do que interessa ao pesquisador investigar, perceber e/ou analisar. A partir dessa consideração, podemos pensar na **linguagem humana** como um objeto que pode ser investigado a partir de perspectivas histórica, cultural, social, biológica e outras.

Sem desconsiderar a relevância de outras abordagens, Chomsky desenvolve estudos sobre a linguagem humana em uma perspectiva biológica, compondo um campo conhecido como “biolinguística”.

O sentido forte do termo “biolinguística” denota a tentativa de se obter respostas explícitas a questões que necessariamente requerem a combinação de insights da linguística e insights advindos de disciplinas a ela correlacionadas (biologia evolucionária, genética, neurologia, psicologia, etc...). (CHOMSKY, 2004).

Na perspectiva de Chomsky, a mente e a linguagem são objetos do mundo natural e, por isso, passíveis de investigação como qualquer outro elemento da natureza:

Gostaria de discutir uma abordagem da mente que toma a linguagem e os fenômenos similares como elementos do mundo natural a ser estudados por meio de métodos ordinários de pesquisa empírica. Usarei os termos “mente” e “mental” aqui sem significação metafísica. Assim, entendo “mental” como estando no mesmo nível de

“químico”, “ótico” ou “elétrico” (...). Os termos são usados para selecionar certos aspectos do mundo como um foco de pesquisa. Com o vocábulo “mente” quero indicar apenas os aspectos mentais do mundo (...). Usarei os termos “linguístico” e “linguagem” da mesma maneira (CHOMSKY, 2005, p. 193).

Desse modo, Chomsky propõe um estudo da linguagem considerando-a como objeto do mundo natural, como parte do indivíduo/sujeito “bio-lógico”, em que o “bio-lógico” refere-se à “lógica própria do ser vivo”³.

Sendo parte do indivíduo, uma capacidade cognitiva interna, Chomsky parte do princípio de que há um “componente particular da mente humana” – denominado Faculdade da Linguagem –, um “mecanismo de aquisição da linguagem” que origina o nosso conhecimento da(s) língua(s) a partir de nossas experiências linguísticas, convertendo essa experiência em um sistema de conhecimento de determinada língua. Segundo Chomsky:

A faculdade da linguagem pode razoavelmente ser considerada como “um órgão linguístico” no mesmo sentido em que na ciência se fala, como órgãos do corpo, em sistema visual ou sistema imunológico ou sistema circulatório. Compreendido deste modo, um órgão não é alguma coisa que possa ser removida do corpo deixando intacto todo o resto. Um órgão é um subsistema que é parte de uma estrutura mais complexa. Nós temos a esperança de compreender a complexidade do todo em sua plenitude através da investigação das partes que têm características distintivas, e das interações entre elas. Do mesmo modo procede o estudo da faculdade da linguagem. (CHOMSKY, 1997).

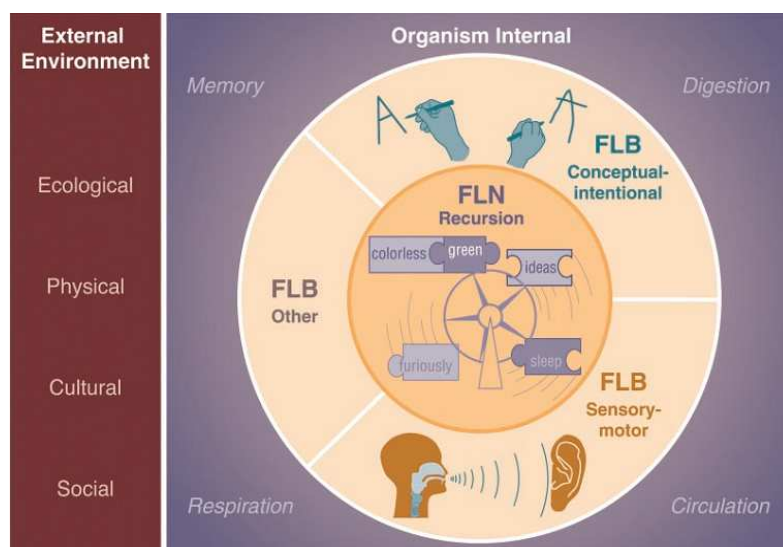
O sistema visual, imunológico ou circulatório é organizado e interligado com demais sistemas, só podemos analisar e compreender qualquer um deles quando em funcionamento. Assim também é a linguagem, uma propriedade do ser humano, organizada de tal modo que há um *modus operandi* que garante o seu funcionamento a partir de princípios.

A “arquitetura” da linguagem é descrita em um trabalho de Chomsky realizado conjuntamente com Hauser e Fitch, em 2002, intitulado *The Faculty of Language: What Is It, Who Has It, and How Did It Evolve?*. Nesse artigo, os autores procuram esclarecer a questão sobre o que nos diferencia de outros animais em termos comunicacionais.

Segundo Hauser, Chomsky e Fitch (2002), a Linguagem humana pode ser compreendida em Sentido Amplo (FLB) e em Sentido Restrito (FLN).

³ Faço referência aqui à noção de sujeito proposta por Morin: “Farei a seguinte proposição: creio na possibilidade de fundamentar científica, e não metafisicamente, a noção de sujeito e de propor uma definição que chamo de “biológica”, mas não nos sentidos das disciplinas biológicas atuais. Eu diria biológica, que corresponde à lógica própria do ser vivo.” (MORIN, 1996, p. 46-47). Essa “lógica do ser vivo” a que Morin se refere é a lógica da auto-organização, autoadaptação, que tem como centro a recursão, conforme tentarei demonstrar no decorrer deste trabalho. Essa perspectiva vai ao encontro da noção de Linguagem adotada.

Figura 1 - Representação esquemática dos fatores externos e internos do organismo relacionados com a Faculdade da Linguagem



Fonte: HAUSER; CHOMSKY; FITCH, 2002, p. 1570.

Através da figura, podemos visualizar a proposta de organização da Faculdade da Linguagem: há um sistema computacional interno (FLN) e dois sistemas de interface: o sistema sensório-motor, responsável por ler as instruções fonéticas de uma determinada língua, e o sistema intencional-conceitual, relacionado aos aspectos semânticos e formais. O sistema sensório-motor corresponde ao componente articulatório perceptual (AP) e o sistema conceitual-intencional ao componente cognitivo intencional (CI). Através dos sistemas de interface da Faculdade da Linguagem, o falante interage com o ambiente externo (ecológico, físico, cultural e social). Aliás, são as interações e vivências do indivíduo no ambiente que possibilitam o desenvolvimento da linguagem.

A FLN é um sistema computacional linguístico abstrato, responsável pelo funcionamento do ‘órgão’ da linguagem, que interage com os outros sistemas e é a interface entre os sistemas sensório-motor e conceitual-intencional. A FLN gera as representações mentais e as mapeia para o sistema sensório-motor, mediado pelo sistema fonológico, e para o sistema intencional-conceitual, mediado pelo sistema semântico, ou seja, a FLB é nucleada pelas operações/computações de FLN. É a FLN que possibilita a elaboração de um número infinito de expressões a partir de um número finito de elementos, e isso é possível porque a sua propriedade nuclear é a recursão.

A Faculdade da Linguagem em Sentido Amplo (FLB) inclui o sistema sensório-motor, o sistema conceitual-intencional e outros possíveis sistemas (os quais deixamos em aberto); a Faculdade da Linguagem em Sentido Restrito (FLN) inclui

as computações gramaticais nucleares que nós sugerimos serem limitadas à recursividade. (HAUSER; CHOMSKY; FITCH, 2002, p. 1570)⁴.

Segundo Chomsky, a linguagem em sentido restrito é definida pela recursividade, que se manifesta na capacidade humana de elaborar e reconhecer novas frases e de encaixar frases dentro de outras frases, em enunciados. Esse processo de “encaixe” pode ser compreendido como uma operação de inclusão, ou seja, inclusão de sintagmas dentro de sintagmas, operação essa aqui descrita no nível do enunciado. Segundo Chomsky, esse processo explica uma propriedade da linguagem, a de “infinitude discreta”:

A linguagem humana baseia-se em uma propriedade elementar que também parece ser biologicamente isolada: a propriedade da infinitude discreta, exibida em sua forma mais pura pelos números naturais 1,2,3,... As crianças não aprendem essa propriedade; a menos que a mente já possuisse esses princípios básicos, nenhuma evidência poderia fornecê-los. De maneira semelhante, nenhuma criança precisa aprender que há sentenças de três e quatro palavras, e não sentenças de três palavras e meia, e que elas continuam assim por diante (CHOMSKY, 2002, p. 30).

Esse modo natural de ver a linguagem, atividade criativa constitutiva do ser vivo, vai ao encontro da noção de linguagem adotada pelo linguista Rodolfo Ilari, a partir do trabalho de Carlos Franchi.

Ilari (2003)⁵ afirma que a linguagem não é uma “nomenclatura”. Ela não representa algo que esteja “lá fora”, não é um produto. Ao contrário, a linguagem é atividade, uma “atividade constitutiva” e criativa. Ainda segundo o autor, “(...) a comunicação linguística não se reduz à discriminação de mensagens, e as mensagens possíveis não constituem, em nenhum sentido válido, um repertório pré-estabelecido.” (ILARI, 2003, p. 48).

Um dos exemplos utilizados pelo pesquisador para ilustrar essa concepção é a formação do conceito de “sífilis”. No seu surgimento, na Europa, no início da era moderna, as explicações para a doença eram que se tratava de “influência negativa de Saturno, castigo divino pela fornicação, mau sangue...” (2003, p. 66). Embora nos pareçam muito estranhas, essas representações fizeram parte da sociedade durante muitos séculos, inclusive da própria

⁴ “FLB includes sensory-motor, conceptual-intentional, and other possible systems (which we leave open); FLN includes the core grammatical computations that we suggest are limited to recursion.” (HAUSER, CHOMSKY; FITCH, 2002, p. 1570).

⁵ Esse artigo de Ilari, intitulado *Linguagem – atividade constitutiva (idéias e leituras de um aprendiz)* foi realizado à luz dos trabalhos de Carlos Franchi sobre a natureza da linguagem. No resumo, Ilari afirma que “Linguagem: atividade constitutiva” é o título de um importante artigo de Carlos Franchi que, “desde sua publicação em 1977, constitui um marco em nossa bibliografia linguística e uma competente defesa da necessidade de encarar a linguagem como atividade criativa e não como produto.” (2003, p. 72). No artigo de Ilari, o autor descreve algumas situações que constituem, à sua maneira, evidências a favor dessa tese de Franchi.

ciência da época, foi inclusive a partir de uma dessas representações, o “mau sangue”, que foi descoberto o primeiro teste científico para diagnosticar a doença.

Embora nos cause estranhamento, as referências relacionadas à sífilis eram coerentes à época, pelo menos para grande parte da população. Com os avanços da biologia e da medicina, sífilis não é mais relacionada à religiosidade ou à astrologia, embora não possamos negar a possibilidade de que alguma “velha crença” continue presente na sociedade de modo geral e que possa ser utilizada pela ciência nos estudos sobre a doença. Do mesmo modo, é inegável que, a partir da descoberta do primeiro teste científico para diagnóstico da doença, essas representações anteriores se tornaram “antiquadas e preconceituosas” (ILARI, 2003, p. 66).

Presente durante todo o processo com sua adaptabilidade característica, a linguagem garante uma continuidade relativa, adaptando-se, no curso do processo, a expressar o novo conjunto de condições e práticas interrelacionadas, que são consideradas parte de uma mesma entidade ou categoria nosológica. Aqui, a linguagem manifesta seu papel constitutivo garantindo a transição entre uma fase “sincrética” e uma fase “exata”, graças à qual o edifício de nossos conhecimentos continua sendo reconstruído sem desabar. (ILARI, 2003, p. 67).

Considerar a linguagem como atividade constitutiva, adaptação, *na e pela qual* eu crio sentidos, contextos e experiências com o mundo, implica em aceitar que é a maneira como o indivíduo age que possibilita a produção de sentido. Essa perspectiva de “produção de sentido” pode ser encontrada na obra *The Meaning of the Body: a esthetics of human understanding*, do linguista e filósofo Mark Johnson.

Segundo Johnson (2007), “mente” e “corpo” não são duas coisas separadas, e a construção de sentido trata-se de um processo que o ser vivo é capaz de realizar a partir de um cérebro operando em um corpo em interação com seu ambiente.

significados não residem em nosso cérebro, nem em nossa mente descorporificada. Significado requer um cérebro funcionando em um corpo vivo que envolve seu ambiente – ambientes que são sociais e culturais, bem como físicos e biológicos. (JOHNSON, 2007, p. 152)⁶.

Na tentativa de responder a questão “como pode o significado emergir de nossa experiência corporal, da nossa atividade sensório-motora e ainda assim ser a base para o pensamento abstrato?”, Johnson (2007, p. 136) postula que isso é possível devido à

⁶ “meaning does not reside in our brain, nor does it reside in a disembodied mind. Meaning requires a functioning brain, in a living body that engages its environments – environments that are social and cultural, as well as physical and biological.” (JOHNSON, 2007, p. 152).

estruturação de padrões a partir da nossa interação com/no mundo. Esses padrões são denominados “esquemas imagéticos”:

Padrões dinâmicos e recorrentes de interações entre organismo e ambiente. Como tal, eles se revelarão nos contornos de nossa experiência sensório-motora (...). Por exemplo, devido à nossa configuração corpórea, nós projetamos esquerda/direita; na frente/atrás; perto/longe, através do horizonte de nossas interações perceptuais.” (JOHNSON, 2007, p. 136-137)⁷.

Dessa forma, é a maneira como experienciamos o corpo em relação ao mundo que permite a emergência de sentido. O fato de, ao longo da evolução da espécie, por exemplo, o homem tomar a postura vertical como padrão permite que a força da gravidade possa ser enfrentada de maneira particular. Com isso, a possibilidade de compreensão de conceitos como “alto”, “baixo”, em sentenças como “a bolsa de valores caiu”, ou “a economia brasileira está decrescendo”, é possível a partir de uma experiência que se estrutura com base no esquema imagético “verticalidade”. Outro esquema imagético citado pelo autor é “contêiner”. Tal esquema pode ser conceptualizado a partir da relação do ser humano com o ambiente que, cercado por outros objetos, possibilita a percepção de dentro/fora, aqui/lá, agora/depois. Há, também, o esquema “centro/periferia”, relacionado ao caráter horizontal da nossa percepção. Nessa perspectiva, podemos dizer que os esquemas imagéticos são criados em função da natureza do ser vivo e da sua interação com o meio.

Esse modo de compreender o processo de produção de sentido corrobora uma concepção natural de linguagem, em que mente, corpo e ambiente estão necessariamente integrados. Em consonância com essa visão, Sinha (2009) aborda a linguagem em uma perspectiva “biocultural”, em que significado e contexto estão integrados. Dentro dessa abordagem, é necessário especificar dois conceitos importantes: nicho e *affordances*. Quanto ao primeiro, Gibson argumenta:

Os ecologistas têm o conceito de nicho. Sabe-se que uma espécie animal utiliza ou ocupa certo nicho no meio ambiente. Isso não é exatamente o mesmo que o habitat da espécie; um nicho refere-se mais ao modo como o animal vive do que onde ele vive. Eu diria que um nicho é um conjunto de possibilidades. (GIBSON⁸, 1986, p. 128 apud SANTOS, 2010, p. 66).

⁷ “Image schema is a dynamic, recurring pattern of organism-environment interactions. As such, it will reveal itself in the contours of our basic sensorimotor experience (...). For example, because of our particular bodily makeup, we project right and left, front and back, near and far, throughout the horizon of our perceptual interactions. (JOHNSON, 2007, p. 136-137).

⁸ GIBSON, J. *The ecological approach to visual perception*. Boston: Houghton Mifflin, 1986.

O autor ainda considera que o meio ambiente natural proporciona muitas maneiras de vida ao passo que os diversos animais possuem hábitos cotidianos diferentes. Nesse caso, o nicho presume um tipo de animal que, por sua vez, implica um tipo de nicho. Em síntese, nicho se refere ao modo como o ser se integra e interage ao seu ambiente.

Quanto ao segundo conceito importante, *affordances*, Gibson⁹ (1986 apud Sinha, 2009, p. 294) destaca que são “[...] propriedades do nicho ecológico que proporcionam ou apoiam determinados tipos de ação tornados possíveis pelo sistema motor e morfológico do animal. Tais ações são ao mesmo tempo típicas da espécie (não necessariamente de uma única espécie) e adaptativas”¹⁰.

Ou seja, *affordances* são as interações ativas do ser com/no seu nicho sociobiocultural, das experiências perceptuais do ser humano com/no o ambiente.

Essas duas noções dispensam a noção de “contexto”, de algo “lá fora”, já que pressupõem interatividade, integração.

Frente ao trabalho desenvolvido por Chomsky, Ilari, Johnson e Sinha, a que se aludiu nesta seção, posso considerar que esses autores compreendem a linguagem como “atividade constitutiva natural do ser vivo”. Isso pode ser flagrado, em:

a) Chomsky, por considerar que a linguagem é uma **propriedade da espécie humana**, que implica uma **atividade** de junção entre som e imagem, por considerá-la como um **sistema em funcionamento** centralizado por computações recursivas;

b) Carlos Franchi, por compreendê-la como “**atividade constitutiva**”, sendo **natural de qualquer indivíduo**, é o que possibilita a criação de experiências com o mundo; e

c) Johnson, por afirmar que a construção de sentido se dá a partir de um ser (cérebro, mente e corpo inseparáveis) em interação com o ambiente; ou seja, por compreendê-la como **atividade** de interação, **natural do ser vivo** e privilegiar um processo de investigação da linguagem fundamentada na relação que o ser estabelece com o/no ambiente.

Essa visão naturalista de ser vivo, de linguagem, do “ser” de linguagem, de produção de sentido, que, segundo Chomsky, tem como centro a recursão, é o primeiro passo para compreendê-la como um SAC.

⁹ Ibid.

¹⁰ “[...] properties of the ecological niche affording or supporting specific kinds of action made possible by the motor system and morphology of the animal. Such actions are both species-typical (though not necessarily species unique) and adaptive.” (GIBSON, 1986 apud SINHA, 2009, p. 294).

Entretanto, antes de realizar uma articulação entre essa concepção de linguagem como um objeto do mundo natural e os sistemas adaptativos complexos, aponto, a seguir, um panorama sobre a concepção de sistemas e principais características de sistemas adaptativos complexos.

2.2. Sobre sistemas

Popularmente, compreendemos um “sistema” como: “1. Combinação de partes coordenadas para compor um todo; 2. Conjunto de elementos relacionados entre si de modo coerente.” (LAROUSSE, 2005, p. 738). Nessa perspectiva, podemos citar como exemplos sistemas: planetário, animal, circulatório, educacional, financeiro, computacional, trânsito, etc.

Partindo dos estudos desenvolvidos sobre o tema, entretanto, há que se fazer distinções e caracterizações importantes sobre a compreensão desse conceito e sobre sua natureza.

Ao definir “sistema”, Larsen-Freeman e Cameron (2008, p. 26) argumentam que esse difere de “conjuntos”, “agregados” ou “coleções”, pois em um sistema os componentes interagem de um modo particular que afeta as suas propriedades. A definição proposta por Morin (1977, p. 99-100) aponta para mais uma característica importante desse conceito, que é a unidade global constituída pela inter-relação de seus componentes. Desse modo, o autor define “sistema” como uma inter-relação de elementos, ações ou indivíduos que constituem uma entidade ou unidade global. Não se trata, portanto, de agrupamento, de “soma” de elementos, e sim de uma rede de conexões que funciona como uma unidade, um “todo” organizado. “A organização de um sistema é a organização da diferença.” (MORIN, 1977, p. 113).

Nessa perspectiva, de acordo com Morin,

todos os objetos-chave da física, da biologia, da sociologia, da astronomia, átomos, moléculas, células, organismos, sociedades, astros e galáxias constituem sistemas. Fora dos sistemas só existe a dispersão particular. O nosso mundo organizado é um arquipélago de sistemas no oceano da desordem (1977, p. 96).

Para compreendermos os sistemas adaptativos complexos, é necessário elucidar algumas de suas características definidoras, tais como: padrão, rede, abertura, auto-organização, dinamicidade, mudança, emergência, *feedback*, hierarquia, não-linearidade,

espaço fase e atratores, além da recursão, principal propriedade do SAC. Abordarei a seguir tais características.

2.2.1. Principais características dos Sistemas Adaptativos Complexos

Uma organização sistêmica surge de uma configuração de padrões ordenados, e a propriedade fundamental do padrão dos sistemas vivos é a sua organização em rede. Como afirma Capra (2005, p. 25), “O padrão em rede é comum a todas as formas de vida. Onde quer que haja vida, há redes.”.

Inicialmente, uma importante distinção a ser feita é entre sistema aberto e sistema fechado.

Talvez o leitor esperasse que aqui se fizesse uma distinção entre “simples” e “complexo”. No entanto, essa oposição poderia levar a alguns equívocos relacionados à própria natureza desses conceitos, como, por exemplo, a ideia de que um sistema complexo seja complicado e que um sistema simples não possa ser complexo. A fim de evitar possíveis confusões, é importante esclarecer que “complexo” é um termo da Complexidade para nomear sistemas com determinadas características que serão discutidas no decorrer deste tópico, o que não significa que um sistema complexo possa ser caracterizado como um sistema “complicado”.

Richardson (2010, p. 12-13) distingue “sistema complicado” de “sistema complexo”. Uma das diferenças, segundo o autor, é que o sistema complicado não possui conectividade suficiente para revelar comportamentos complexos, como a emergência.

A principal diferença entre os dois é a falta de (aparente) “novidade” em sistemas complicados. Os sistemas complexos podem emergir em estados que não são evidentes a partir de sua constituição – nesse sentido, novos estados são criados.” (RICHARDSON, 2010, p. 12-13)¹¹.

É importante destacar, também, que um sistema complexo pode ser complexo em termos comportamentais, mas simples em termos composicionais (RICHARDSON, 2010, p. 21)¹².

¹¹ “The key difference between the two is the absence of (apparent) ‘novelty’ in complicated systems. Complex systems can emerge into states that are not readily apparent from their constitution - in a sense new states are created.” (RICHARDSON, 2010, p. 12-13).

¹² Para maiores especificações, conferir Richardson (2010).

Para estabelecermos diferença entre sistema aberto e sistema fechado, precisamos considerar que, neste último, os componentes estão relacionados de modo previsível e imutável (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008, p. 27-28).

As autoras exemplificam esse modelo de sistema com o “semáforo”, no qual há um comportamento previsto pelos motoristas das cores sinalizadas e o que elas indicam. Trata-se de sistemas que não realizam troca de matéria com o exterior. Ao contrário, os sistemas abertos, que são os que se interessa especificar neste trabalho, já que caracterizam os sistemas vivos, adaptativos,

possibilitam que energia ou matéria externa entre no sistema. Essa abertura permite um sistema ‘longe do equilíbrio’ manter sua adaptação e estabilidade. (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008, p. 32)¹³.

A abertura é uma característica essencial para a compreensão do SAC e está estritamente relacionada a outros conceitos importantes.

Diferentemente dos sistemas fechados, os sistemas abertos se mantêm afastados do equilíbrio, nesse ‘estado estacionário’ caracterizado por fluxo e mudança contínuos. (CAPRA, 2006, p. 54).

A maioria dos sistemas biológicos e sociais são sistemas abertos, eles dependem da troca de energia e informação com o ambiente para existirem. Essa “troca” é que permite o SAC se auto-organizar. “As duas forças mais dominantes dentro de um sistema complexo são as forças que impulsionam o sistema em direção ao comportamento caótico e aquelas que promovem a auto-organização (anti-caos).” (RICHARDSON, 2010, p. 15)¹⁴.

Nesse processo de auto-organização, longe do equilíbrio com “estados de equilíbrio”, o sistema muda para se adaptar, a dinamicidade nessa autoadaptação (criar condições de existência) é outra característica dos SAC. É importante destacar que, apesar da mudança, em um sistema autoadaptativo, a sua identidade é preservada:

Todo organismo vivo se renova constantemente, na medida em que suas células se dividem e constroem estruturas, na medida em que seus tecidos e órgãos substituem suas células num ciclo contínuo. Apesar dessa mudança permanente, o organismo

¹³ “Open systems allow energy or matter to enter from outside the system. Being open can enable a ‘far-from-equilibrium’ system to keep adapting and maintain stability.” (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008, p. 32).

¹⁴ “The two most dominating ‘forces’ within a complex system are the forces that push the system towards chaotic behavior, and those that encourage self-organization (anti-chaos).” (RICHARDSON, 2010, p.15).

conserva a sua identidade global, seu padrão de organização (CAPRA, 2005, p. 50)¹⁵.

Note-se que, nessa auto-organização, autoadaptação, o que pressupõe a abertura, o sistema escolhe e integra energia e matéria à sua estrutura. Isso faz com que a cada momento surjam novas estruturas, que são emergentes e temporárias, pois a dinamicidade e mudança constante não permitem que essas novas características sejam permanentes. A emergência de novas estruturas também está relacionada ao padrão de rede, que, por ser uma “rede”, implica que mudanças em algum dos pontos que a constituem possam afetar toda a sua organização. Desse modo, novos processos adaptativos emergem a todo tempo, lembrando que o padrão de rede, sua identidade, é conservado.

Esse processo de auto-organização não linear se dá através de estruturas de *feedback* (realimentação):

A função de cada um dos componentes dessa rede é a de transformar ou substituir outros componentes, de maneira que a rede como um todo regenera-se continuamente. É essa a chave da definição sistêmica da vida: as redes vivas criam ou recriam a si mesmas continuamente mediante a transformação ou a substituição dos seus componentes. Dessa maneira, sofrem mudanças estruturais contínuas ao mesmo tempo em que preservam seus padrões de organização, que sempre se assemelham a teias (CAPRA, 2005, p. 27).

Por serem organizados em termos de redes, os SAC são produzidos, portanto, por seus componentes e operam a produção desses componentes através de estruturas de *feedback*. Esse processo de realimentação é base da instabilidade e das emergências características da auto-organização.

É perceptível que nossa vida, nossa organização sistêmica, pressupõe outros sistemas (ou subsistemas¹⁶). Desse modo, podemos considerar que uma rede de relações de um sistema está encaixada em outras redes maiores, trata-se de uma organização em rede hierarquizada. É necessário destacar que essa hierarquia não significa que há uma relação linear entre os

¹⁵ O autor refere-se aqui ao sistema autopoietico (autocriação), redes autogeradoras. Segundo Capra, (2005, p. 27) termo cunhado pelos biólogos Humberto Maturana e Francisco Varela, a autopoiese é a característica fundamental dos seres vivos. “A autopoiese é um padrão de rede no qual a função de cada componente consiste em particular da produção ou da transformação dos outros componentes da rede.” (CAPRA, 2006, p. 136). Para maiores especificações, conferir Capra (2005); Capra (2006).

¹⁶ “Subsistema: para todo o sistema que manifesta subordinação relativamente a um sistema no qual se integra como parte.” (MORIN, 1977, p. 133). A distinção entre “sistema” e “subsistema” é limítrofe. De acordo com Morin, essa caracterização depende das escolhas do observador, e essas por sua vez dependem da realidade sociocultural em que ele se encontra. Essa especificação se faz necessária para dizer que não são categorias estáticas, estanques, já que dependem do ponto de vista do observador. A título de exemplo, se analiso o sistema circulatório, tenho como um subsistema o coração. Se minha análise é o ser vivo, o sistema circulatório passa a ser um subsistema.

sistemas e/ou entre os elementos de um sistema, ao contrário, a organização em rede pressupõe a não-linearidade, outra característica dos SAC, estritamente relacionada ao *feedback*, ou seja, a relação é dinâmica e não-linear, ela se abre em várias direções, e é hierarquizada recursivamente.

Nesse contínuo processo de auto-organização, os possíveis estados que o SAC pode assumir é determinado pela configuração de um espaço fase.

Os espaços de fase ou estados de fase representam um ‘cenário de possibilidades’ de um sistema, e, como ele muda e se adapta com o tempo, o sistema se move através dessa paisagem.” (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008, p. 49 *apud* PAIVA; NASCIMENTO, 2009).

Em função dos atratores, fatores que conferem restrições às emergências no comportamento do sistema, juntamente com a configuração do espaço fase, a estabilidade emerge, lembrando que se trata de um equilíbrio dinâmico, instável, não é um equilíbrio pleno.

Nesse tópico, procurei descrever características atribuídas aos SACs, pois, como veremos, essas se aplicam à noção de Linguagem adotada neste trabalho.

A seguir, partindo de trabalhos realizados por Nascimento (2009); Paiva e Nascimento (2009) e Santos (2010), na perspectiva dos SAC, realizarei uma articulação entre a noção de linguagem compreendida como objeto do mundo natural e as características dos SAC.

2.3. Compreendendo a Linguagem como um Sistema Adaptativo Complexo

Na lógica dos SACs, não se separam sujeito e ambiente. “Podemos dizer que todo pensamento sistêmico é pensamento ambientalista.” (CAPRA, 2006, p. 47). Aliás, para entender determinado sistema, é necessário compreender sua rede de relações em redes maiores.

Nessa perspectiva, compreender a linguagem não como uma estrutura, mas como uma “atividade constitutiva natural do ser vivo”, conforme abordado no item (2.1), ou seja, entender que sua base é a interação, a experiência do sujeito com/no seu nicho sociobiocultural, nos possibilita compreendê-la como um sistema aberto, em permanente troca de energia com esse ambiente.

Como vimos, uma das principais características dos SAC é a auto-organização, que é realizada através da recursão. Morin, ao descrever a complexidade do ser vivo, ao considerá-

lo um ser “auto-eco-organizador”, considera que as operações que o indivíduo realiza nesse processo de auto-organização são recursivas, o que, segundo o autor, significa “acoplar” as noções de “circuito retroativo” e de “abertura organizacional” no processo ativo e contínuo de organização:

a ideia de circuito não significa apenas esforço retroativo do processo sobre si mesmo. Ela significa que o fim do processo alimenta o início: o estado final se tornando de alguma forma o estado inicial, mesmo permanecendo final, o estado inicial se tornando final, mesmo permanecendo inicial. É dizer ainda que o circuito é o processo em que os produtos e os efeitos finais se tornam elementos e características primordiais. Isto é um processo recursivo: *todo processo cujos estados ou efeitos finais produzem os estados iniciais ou as causas iniciais*. (MORIN, 2001, p. 231) (grifos do autor).

O princípio da recursividade é fundamental para a compreensão dos sistemas adaptativos complexos, sistemas auto-organizadores como o ser vivo, o universo, a sociedade e a própria linguagem.

Assumindo a linguagem como “atividade criativa constitutiva natural do ser vivo”, e entendendo, a partir dos pressupostos apresentados sobre a configuração dos sistemas complexos, que a lógica do ser vivo compreende um sistema adaptativo complexo, é possível concluir que a linguagem pode ser considerada um sistema adaptativo complexo, que tem como centro a recursividade. Mais especificamente, em concordância com Santos (2010):

Adotar a concepção de linguagem como objeto do mundo natural implica necessariamente concebê-la segundo a lógica dos seres vivos, sistemas auto-organizadores, que interagem com o meio em que se inserem, operam “a produção-de-si” ou “a organização-de-si” através de um sistema computacional, de uma operação comum, **a recursão**. Note-se que o princípio da **recursividade**, operatorialmente, se traduz no mecanismo da **recursão**. (...) De acordo com essa abordagem, as estruturas de linguagem (em todos os níveis) devem ser estudadas não como se fossem autônomas, mas como em interação com a organização percepto-conceitual geral, que possibilita a interação, a interface entre os indivíduos e o seu meio, o meio em que vivem. (SANTOS, 2010, p. 62). (grifos da autora).

Compreender a linguagem como um SAC nos leva ao entendimento de que sua organização se dá através de redes recursivas hierárquicas. Esse modo de organização é possibilitado pelo princípio da recursividade, manifestado em operações de recursão.

As estruturas hierárquicas recursivamente organizadas podem ser entendidas na linguagem considerando, na perspectiva de Paiva e Nascimento (2009), que na enunciação, os

enunciadores podem integrar, no Espaço Base¹⁷, nomenclatura adotada pelo pesquisador para definir o espaço fase, outras instâncias enunciativas recursivamente¹⁸.

Frente ao objeto de estudo assumido nesta investigação, as discussões apresentadas neste capítulo tiveram como objetivo: apresentar uma noção de linguagem identificável na constituição do sujeito, uma “atividade constitutiva natural”, um sistema aberto, dinâmico, auto-organizador. Essa concepção de linguagem me possibilita afirmar que as operações de produção de texto/sentido emergem da atividade adaptativa complexa dos falantes em interação com/no nicho sociobiocultural.

Ainda sobre os pressupostos teóricos adotados, é necessário especificar as noções que circundam o objeto de estudo: “espaço enunciativo” e “processo de temporoespacialização”, à luz da noção de linguagem adotada neste trabalho.

2.4. Processamento Discursivo e Construção de Texto/Sentido

2.4.1. Texto e Enunciação

Ao optar por trabalhar com a noção de *espaços enunciativos*, é importante, inicialmente, esclarecer o que se entende por enunciação e explicitar a importância desse conceito.

Adoto aqui a definição de Benveniste, para o qual “enunciação é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado (...)”. (1989, p. 82). Note-se que, ao definir enunciação como “ato”, o autor destaca seu caráter processual. Segundo Benveniste:

todas as línguas têm em comum certas categorias de expressão que parecem corresponder a um modelo constante (...) mas suas funções não aparecem claramente senão quando se as estuda no exercício da linguagem e na produção do discurso (1989, p. 68).

Essa afirmação do autor vai ao encontro do pressuposto da Linguística Cognitiva de que linguagem é atividade, processo, e de que se deve estudá-la em uso, ou seja, analisar o que o falante faz. Isso nos leva a afirmar que texto deve ser compreendido em uma perspectiva enunciativa.

¹⁷ Conceito a ser explicitado no tópico (2.4.2.1).

¹⁸ Para maiores especificações, conferir Paiva e Nascimento (2009).

Esse “modelo constante” o autor caracteriza-o como sendo o Aparelho Formal da Enunciação, que corresponde às “condições iniciais que vão reger todo o mecanismo da referência no processo de enunciação.” (1989, p. 83-84).

De acordo com Benveniste, o que transforma a língua em discurso é o fato de o sujeito, locutor, se constituir como enunciador, dirigindo-se a um alocutário, instituindo-o como enunciatário, num tempo e espaço discursivos.

Todo homem se coloca em sua individualidade enquanto *eu* por oposição a *tu* e *ele*. Este comportamento será julgado “instintivo”; para nós, ele parece refletir na realidade uma estrutura de oposições linguísticas inerente ao discurso. (1989, p. 68).

Note-se, então, que, segundo Benveniste, o Aparelho Formal da Enunciação é uma das condições para a efetivação da enunciação, do processamento discursivo. Ele, o Aparelho Formal da Enunciação, pode ser descrito em termos de operações: a) operações de fase¹⁹, que são as identitárias desse processo (*eu/tu-aqui/agora*); e b) operações emergenciais, que emergem a partir da instauração do espaço enunciativo (espaço fase) ao mesmo tempo em que o instancia.

Neste momento, assumo a noção de processamento discursivo proposta por Nascimento e Oliveira (2004, p. 285). Segundo os autores, processamento discursivo corresponde a “qualquer ação de linguagem que envolva a produção de texto/sentido.”

Assumindo a definição de processamento discursivo proposta por Nascimento e Oliveira (2004), que claramente se refere ao ato de “produzir texto/sentido”, acredito ser necessário especificar a noção de “texto” adotada neste meu trabalho, bem como explicitar como se dá esse processo de construção de sentido.

Neste meu trabalho de investigação científica, texto é entendido, numa dimensão enunciativa, como produto de uma situação de interação, e, ao mesmo tempo, um dos fatores constituintes do próprio processo de enunciação. Nessa perspectiva, em acordo com Beaugrande:

um texto é um evento comunicativo no qual convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas. Um sistema de conexões que inclui elementos tais como sons, palavras,

¹⁹ A referência aqui é ao “espaço fase” explicitado no tópico (2.1.1). Operações fase, portanto, são as operações que os falantes realizam na instauração do espaço interlocutivo que determinam o ‘cenário de possibilidades’ da cena enunciativa. Os falantes o atualizam a todo tempo através da operação de seleção, inclusão e arranjo de eventos, o que implica em temporoespacializarem-se, ou seja, eles (os interlocutores agindo, falando) se adaptam continuamente através dessas operações emergentes, “movendo-se através dessa paisagem” delimitada pelo espaço fase.

significados, participantes do discurso, ações em um plano, etc. (BEAUGRANDE, 1997).

Ao adotar essa definição compreendo que o sentido não é algo imanente ao texto, mas é construído através dele no processo enunciativo. E que, independentemente de sua extensão, é na materialidade do texto que encontramos indícios dos mecanismos linguisticocognitivos envolvidos no processo de sua produção/recepção.

Sobre a construção de sentido, até este momento, assumi que: a) em acordo com Johnson (2007), a construção de sentido se trata de um processo que o ser vivo é capaz de realizar contando com um cérebro operando em um corpo em interação com seu ambiente e b) o sentido não é algo imanente ao texto, mas é construído através dele no processo enunciativo.

A seguir, a partir da Teoria da Integração Conceitual (TIC), explico algumas operações que nós, seres humanos, realizamos na/para produção de sentido.

2.4.2. Referenciação e Integração de Espaços Referenciais

Conforme considerado anteriormente, quando um locutor, na e pela atividade linguística, referencia-se como enunciador dirigindo-se a um alocutário, ele, dialética e dialogicamente, referencia um enunciatário. Nesta atividade, ele implementa, necessariamente, as operações constitutivas de um espaço enunciativo, as operações básicas do processo de referenciação.

“Espaço enunciativo”, um dos conceitos utilizados neste trabalho, pode referir-se a: a) o espaço criado a partir da instauração do processamento discursivo, nesse caso, nomeado “espaço base” já que é no âmbito desse que outros espaços serão criados e integrados e b) a outros espaços integrados no interior do espaço base quando houver, no decorrer do processamento discursivo, referência a outros “dizeres”²⁰, o que remete a outras “instâncias”, por isso outros “espaços enunciativos”.

São “os caracteres formais da enunciação” (BENVENISTE, 1989, p. 83-84) que possibilitam e garantem a ação dos falantes que vão implementar e gerir o processamento discursivo. Nesta atividade, ele implementa, necessariamente, as operações constitutivas de um espaço interlocutivo, as operações básicas do processo de referenciação.

²⁰ Esses outros “dizeres” a que me refiro são marcados linguisticamente pelo uso de expressões e verbos *dicendi*, como, por exemplo, ‘dizer’, ‘perguntar’, ‘responder’, ‘pedir’, ‘ordenar’, ‘argumentar’, ‘falar’, ‘proferir’, ‘afirmar’, ‘artigo’, ‘história’, ‘filme’, ‘tese’, ‘lei’, ‘lição’, ‘texto’, etc.

Segundo Nascimento e Oliveira (2004), esse conjunto de operações envolvidas na enunciação denomina-se

Discursivização: criação, numa, e única, instância enunciativa, de um espaço de referência X, que integre, recursivamente, numa rede, todos os espaços de referência instituídos no processo discursivo (NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2004, p. 290).

Na perspectiva de Nascimento e Oliveira (2004), o processo de discursivização implica a criação de um espaço de referência integrador de outros espaços que são integrados recursivamente.

Nesse sentido, a Teoria da Integração Conceitual (TIC) vai ao encontro deste meu trabalho por considerar que o processamento discursivo implica operações mentais (criação e integração de espaços) que se “materializam” no texto. A seguir, procuro elucidar alguns aspectos importantes dessa Teoria.

2.4.2.1. Alguns pressupostos da Teoria da Integração Conceitual

A TIC, proposta por Fauconnier & Turner (2002), tem como ponto de partida a Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997; FAUCONNIER; SWEETSER, 1996). Na busca pela compreensão de como produzimos sentido, a Teoria dos Espaços Mentais parte do pressuposto de que o processamento discursivo implica operações mentais que se materializam no texto, e de que as expressões linguísticas, por si só, não possuem sentido, elas funcionam como guias para a produção de sentido²¹. Esse pressuposto vai ao encontro da noção de texto/sentido adotada neste trabalho, segundo a qual o sentido não é algo imanente ao texto, mas é construído através dele no processo enunciativo.

Segundo Fauconnier & Turner (2002), a produção de sentido ocorre na dinâmica do processo de criação, articulação e integração de espaços mentais. Essa integração ocorre através de uma operação que os autores denominam Integração Conceitual (*Blending*)²².

De acordo com os autores, espaços mentais são “pequenos pacotes conceituais construídos à medida que pensamos ou falamos, para os propósitos do entendimento local e

²¹ “Expressões por si só não tem significado: elas são sinalizações para que construamos significado a partir de processos que já conhecemos. De modo algum o significado de um enunciado está lá, nas palavras. (...) as palavras por si só não diriam nada, não fosse nosso conhecimento ricamente detalhado e os poderosos processos cognitivos que são acionados por nós.” (TURNER, 1991 apud FAUCONNIER, 1994, p. xxii).

²² “Conceptual integration, which we also call conceptual blending, is another basic mental operation, highly imaginative but crucial to even the simplest kinds of thought.” (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 18). Essa e demais traduções no decorrer deste trabalho são de minha responsabilidade.

ação.” (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 40)²³. Em outras palavras, são estruturas de significado construídas e reconstruídas pela mente humana no decorrer do processamento discursivo de acordo com as indicações fornecidas pelas expressões linguísticas.

Os espaços mentais são dinamicamente construídos e reconstruídos, e a produção de sentido ocorre na dinâmica do processo de sua criação, articulação e integração²⁴.

A Integração Conceitual contrapõe e integra dois ou mais espaços-fonte (*inputs*), produzindo sempre um novo espaço (*blended*) diferente dos que o originaram, porém com algumas semelhanças. Esse espaço criado pode, por sua vez, se tornar o espaço-fonte para a realização de outras integrações. A Integração Conceitual trata-se de uma e única operação que, para melhor compreensão, pode ser subdividida em três suboperações básicas que acontecem simultaneamente²⁵: Identificação, Integração e Imaginação (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 6):

- Identificação: o reconhecimento da identidade, da equivalência entre elementos: $A = A$; essa suboperação já supõe, da parte do falante, uma atividade complexa, imaginativa, inconsciente, que pode ser levada à consciência depois de um trabalho de elaboração. Através dessa suboperação estabelecem-se semelhanças e/ou diferenças entre objetos.
- Integração: achar identidades e oposições é parte de um processo de Integração Conceitual, que pressupõe elaboração de estruturas, propriedades dinâmicas e restrições operacionais, não notadas, pois seu trabalho rápido dá-se na base (*backstage*) da cognição.
- Imaginação²⁶: “a identidade e a integração não dão conta do significado e de seu desenvolvimento sem o terceiro *I* da mente humana – Imaginação. Mesmo na ausência de estímulos externos o cérebro produz simulações imaginativas”²⁷ (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 6).

²³ “Mental spaces are small conceptual packets constructed as we think and talk, for purposes of local understanding and action.” (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 40).

²⁴ “The basic idea is that, as we think and talk, mental spaces are set up, structured, and linked under pressure from grammar, context, and culture. The effect is to create a network of spaces through which we move as discourse unfolds.” (FAUCONNIER; SWEETSER, 1996, p. 11).

²⁵ “The mind is not a Cyclops; it has more than one *I*; it has three – identity, integration, and imagination – and they work inextricably together.” (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 15).

²⁶ A utilização do termo “Imaginação” refere-se ao processo de criação de imagens, criação de espaços imagéticos.

²⁷ “Identity and integration cannot account for meaning and its development without the third *I* of the human mind – imagination. Even in the absence of external stimulus, the brain can run imaginative simulations.” (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 6).

No que se refere à produção/recepção de textos, os espaços mentais são sempre ativados através de itens e/ou construções linguísticas, que podemos denominar “construtores de espaços mentais” (*space builders*)²⁸. Ao realizarem a correlação entre vários domínios cognitivos, ligando partes e contrapartes, esses “construtores de espaços mentais” possibilitam que se correlacionem tempos e espaços discursivos reais ou imaginários, hipotéticos ou contrafactuais, fazendo com que informações tidas como contraditórias possam ser referenciadas em um mesmo espaço.

Tomemos como exemplo as seguintes sentenças:

- (1) ? *A menina está mais feliz do que agora.*
 (2) *Nessa fotografia, a menina está mais feliz do que agora.*

O enunciado (1) apresenta incongruência por unir em um mesmo espaço descrições incompatíveis. No entanto, se for iniciado pela expressão “nessa fotografia”, como no enunciado (2), este passa a ser naturalmente processado.

A expressão em destaque no enunciado (2) instaura um novo espaço mental que possibilita a referenciação do enunciado acima em um espaço único que integra dois espaços distintos: o espaço de referência tomado como “realidade” pelo falante, criado no e pelo discurso e, contrapondo a este, o espaço de referência criado pela expressão “nessa fotografia”. Essa expressão faz com que sejam ativados conhecimentos sobre registros, momentos, cores, arte, ou seja, uma série de informações é atualizada possibilitando que descrições contraditórias num mesmo espaço referenciado sejam integradas num terceiro espaço discursivo.

Segundo os pesquisadores, são elementos constitutivos da Integração Conceitual:

- Espaços *inputs*: estruturas parciais que fornecerão os elementos para o espaço *blended*;
- Espaço genérico: espaço que contém uma estrutura comum aos espaços *inputs*;
- Espaço integrado (*blended*): espaço resultante do processo de integração. Os elementos que o integram existem no espaço *input*. A projeção dos elementos que constituem

²⁸ “Space builders: A space builder is a grammatical expression that either opens a new space or shifts focus to an existing space. Space builders take on a variety of grammatical forms, such as prepositional phrases, adverbials, subject-verb complexes, conjunctions + clause; for example, *in 1929, in that story, actually, in reality, in Susan’s opinion, Susan believes..., Mas hopes... If it rains...*” (FAUCONNIER; 1997, p. 40).

o espaço integrado é feita de forma seletiva, nem todos os elementos dos espaços *inputs* são projetados no espaço *blended*.

- Significado emergente: estrutura resultante do processo de integração.

A título de ilustração, tomemos um dos exemplos clássicos da obra dos autores - *The way we Think* (2002):

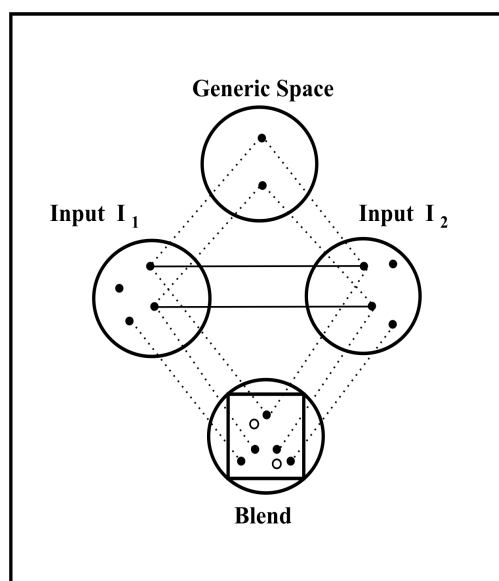
“Em 1993, um barco sai para viagem e tenta refazer o mesmo percurso e bater o recorde de um outro barco que, em 1853, viajou de São Francisco a Boston. Durante os dias de viagem do barco de 1993, um jornal noticia que o barco: “mantém uma vantagem de quatro dias e meio” sobre o antigo veleiro.”

Em uma possibilidade do processo de integração, de produção de sentido a partir da notícia e do evento descrito, temos:

- ✓ *Inputs*: os dois barcos, com as informações de data, rota e velocidade.
- ✓ Estruturas dos *inputs* que vão para o *blend*: posição simultânea dos dois barcos (o que permite saber que um está há quatro dias e meio a frente do outro), velocidade (um é mais rápido do que o outro).
- ✓ *Blend*: estrutura emergente: quebra do recorde.

Uma das características importantes da TIC é a “projeção seletiva”, que significa que nem todos os elementos projetados nos *inputs* são projetados para o *blend*. Nesse exemplo dos “barcos”, não integram o *blend* a data do barco 1953, condições de tempo, material utilizado na construção dos barcos, etc.

Figura 2 - Diagrama básico de uma Rede Conceitual Integrada



Fonte: FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 46.

No diagrama, os círculos representam os espaços mentais; as linhas contínuas indicam a ligação e o mapeamento entre os espaços de entrada (*input 1* e *2*); as linhas pontilhadas indicam conexões entre os *inputs*, o espaço genérico e o espaço integrado (*blended*). O quadrado dentro do *blend* representa a estrutura emergente.

É importante destacar, sobre a TIC, que os espaços (*inputs*, genérico e *blended*) não são ontológicos, eles não existem em nossa mente. Segundo Fauconnier & Turner:

Enquanto essa forma estática de ilustrar aspectos da integração conceitual é conveniente para nós, esse diagrama é realmente apenas um “registro instantâneo” (snapshot) de um processo complicado e imaginativo que pode envolver a desativação de conexões anteriores, reformulando espaços anteriores, e outras ações. Pensamos que uma das linhas nesse diagrama (linhas que representam mapeamentos e projeções conceituais) como correspondendo a coativações e ligações neurais. Aqui, então, são os aspectos essenciais da integração, apresentados em uma sequência que não pretende refletir estágios reais do processo. (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 46) (grifo meu).

É possível concluir, a partir dessa afirmação dos autores, que os diagramas e linhas referem-se ao **processo** de integração, trata-se de uma representação, têm um **caráter epistemológico**, ou seja, os espaços e interconexões não existem “prontos e acabados”, podemos compreendê-los como emergências naturais do/no processo de produção de sentido. Nessa perspectiva, a adoção da nomenclatura “espaços referenciais” e não “espaços mentais”

em trabalhos como de Nascimento e Oliveira (2004) e Paiva e Nascimento (2009), bem como neste trabalho, reforçam essa perspectiva processual e dialógica das operações de integração.

De acordo com Fauconnier & Turner (2002, p. 48-49), três mecanismos atuam na produção de significados emergentes:

- Composição: refere-se à seleção de elementos dos espaços de entrada (*inputs*) para o espaço integrado (*blended*), possibilitando o surgimento de relações que não existiam em cada um dos *inputs* em separado.
- Complementação: há elementos indispensáveis para a emergência de significado que não necessariamente compõem os *inputs*. A complementação refere-se ao recrutamento desses elementos que realizamos a partir de nossas experiências, mesmo que inconscientes, para o *blended*.
- Elaboração: a elaboração do *blended* ocorre em função dos princípios estabelecidos para ele e a partir da nossa escolha frente às possibilidades de integração.

Segundo os autores, ao realizar a Integração Conceitual, a mente opera produzindo “compressão” de Relações Vitais no interior do espaço *blended*, sendo estas definidoras dos espaços *inputs* e responsáveis pela conexão entre esses espaços. São exemplos de Relações Vitais: mudança, identidade, intencionalidade, tempo, espaço, causa-efeito, representação, papel/função, analogia, propriedade, semelhança, contradição, unidade e parte-todo²⁹.

A Integração Conceitual é considerada por Fauconnier & Turner (2002) e Turner (2006) como uma operação de compressão, sendo um dos princípios mais importantes segundo os autores.

Compressão, como um termo da ciência cognitiva, não se refere especificamente à compactação de algo num gradiente de espaço ou tempo, mas, em vez disso, refere-se a transformar estruturas conceituais difusas e distendidas, menos agradáveis à compreensão humana, para que elas se tornem mais agradáveis, mais adequadas aos nossos modos de pensar, em escala humana (TURNER, 2006, p.15)³⁰.

²⁹ “Vital Relations are what we live by, but they are much less static and unitary than we imagine. Conceptual integration is continually compressing and decompressing them, developing emergent meaning as it goes. Certain basic elements of cognitive architecture make blending and compression possible.” (FAUCCONNIER; TURNER, 2002, p. 102).

³⁰ “Compression, as a term in cognitive science, refers not specifically to shrinking something along a gradient of space or time, but instead to transforming diffuse and distended conceptual structures that are less congenial to human understanding so that they become more congenial to human understanding, better suited to our human-scale ways of thinking” (TURNER, 2006, p. 15).

A compressão são as operações naturais que o falante realiza para produzir sentido, compreende a projeção e integração de espaços referenciais. Qualquer texto é resultado de compressão. Segundo Turner (2006), a compressão é uma operação presente na arte, na literatura, na ciência, na matemática, etc., em tudo que os seres humanos realizam cognitivamente.

Analogias, metáforas e até certas construções gramaticais são alguns exemplos típicos de fenômenos da linguagem que podem ser melhor descritos através da Teoria da Integração Conceitual.

Para os autores, a Integração Conceitual está diretamente relacionada a nossa constituição, a maneira como pensamos e vivemos, ela é resultado da evolução cultural. Nossa vida mental e nossa identidade dependem da Integração Conceitual.

Por fim, neste trabalho, adota-se como pressuposto que, quando um locutor se anuncia como o ‘eu’ do discurso, instaurando ao mesmo tempo o ‘tu’ no ‘aqui/agora’ discursivos, ocorre, na implementação do processamento discursivo, a criação de um Espaço Base³¹ (Espaço Fase), espaço enunciativo. É a partir desse Espaço Base, em uma situação de interação, que referenciamos, integramos e contrapomos outros espaços referenciais, ou seja, que realizamos operações de compressão. Entendo que essas operações podem ser descritas como operação de seleção, inclusão e arranjo de eventos, e é esse processo responsável pela produção de texto/sentido.

Esse processo se dá a partir da nossa interação, criando-nos e criando o tempo e espaço, (aqui/agora) discursivos, integrando espaços referenciais, via compressão, ou seja, selecionando e incluindo eventos. Esse processo implica a construção de ações em tempo/espaço discursivos, logo, os participantes do discurso realizam um contínuo processo de temporoespacialização durante a enunciação. É sobre a temporoespacialização que tratarei a seguir.

2.4.3. Temporoespacialização na construção do espaço interlocutivo

³¹ Brandt e Brandt (2005) introduzem uma noção de “Espaço Base” como um “espaço semiótico”, com realidade ontológica, tendo como base o discurso, contrapondo à noção de “espaços mentais” definidos em relação ao pensamento/mente que estes autores consideram ser a perspectiva de Fauconnier & Turner. Para maiores especificações, conferir Brandt e Brandt (2005); Brandt (2005). Aqui, “Espaço Base”, ou “Espaço Enunciativo Base” é compreendido simplesmente como o espaço da realidade do falante a partir do qual outros espaços são integrados.

Conforme anunciado na Introdução (capítulo 1) deste trabalho, o campo do conhecimento da Linguística Cognitiva tem como uma das premissas básicas estudar a linguagem em uso e explicar essa “ação do ser de linguagem” em termos de princípios.

Nessa perspectiva, podemos citar a afirmação de Benveniste sobre enunciação: “enunciação é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado, que é o nosso objeto” (1989, p. 82). O que o autor afirma é justamente o pressuposto da Linguística Cognitiva citado no parágrafo anterior, de que é a ação de produzir um enunciado que deve ser objeto de investigação, considerando a linguagem como “ato”, processo, objeto do mundo natural. Nessa mesma perspectiva: “A partir do momento em que a língua é considerada como ação, como realização, ela supõe necessariamente um locutor e ela supõe a situação deste locutor no mundo.” (*ibidem*, p. 239).

A criação de um espaço enunciativo compreende necessariamente a ação/ato de um falante criando-se em e criando um tempo/espaço enunciativo.

Essa criação se dá e só é possível no aqui/agora da enunciação, no momento em que o falante toma a palavra. Segundo Benveniste, é a partir da enunciação, do tempo da enunciação, *o tempo linguístico*, que a temporalidade é construída:

Poder-se-ia supor que a temporalidade é um quadro inato do pensamento. Ela é produzida, na verdade, na e pela enunciação. Da enunciação procede a instauração da categoria do presente, e da categoria do presente nasce a categoria do tempo. Ele é esta presença no mundo que somente o ato de enunciação torna possível (...), o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o “agora” e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo. (...). O presente formal não faz senão explicitar o presente inerente à enunciação, que se renova a cada produção de discurso. E a partir deste presente contínuo, coextensivo à nossa própria presença, imprime na consciência o sentimento de uma continuidade que denominamos “tempo”; continuidade e temporalidade que se engendram no presente incessante da enunciação, que é o presente do próprio ser e que se delimita, por referência interna, entre o que vai se tornar presente e o que já não o é mais. (BENVENISTE, 1989, p. 84-85).

A partir dessa afirmação do autor, é possível compreender que o tempo presente ou “tempo linguístico” é inerente à enunciação, e que a partir dele podemos articular qualquer noção de temporalidade. O tempo presente da enunciação é criado e se atualiza no processamento discursivo, na gestão do espaço interlocutivo, integrando outros tempos “atualizados” no processamento. Note-se que Benveniste associa tempo e espaço ao considerar que a categoria do presente “é esta **presença no mundo** que somente o ato de enunciação torna possível”. (BENVENISTE, 1989, p. 84-85 – grifo meu).

Em “A linguagem e a experiência humana”, o autor estabelece ainda outras duas noções de tempo: a) o tempo físico, que é caracterizado como “um contínuo uniforme, infinito, linear, segmentável à vontade” (1989, p. 85). É o tempo físico que me possibilita considerar, por exemplo, que o dia passou rápido, ou ter a sensação de que há tempos não me encontro com determinada pessoa, mesmo que a tenha visto há poucos dias atrás. O tempo físico está relacionado com o modo como percebo e sinto o tempo; e b) o tempo crônico, que é a mensuração do tempo físico, que na nossa cultura é marcado pelo relógio e calendário. Ainda segundo o autor, é a partir do tempo linguístico, do aqui/agora da enunciação, que a percepção de temporalidade que envolve esses “outros tempos” é possível.

É importante destacar que a relação dinâmica estabelecida entre o ‘eu’ e o ‘tu’ no ‘aqui/agora’ da enunciação faz com que ela seja única em cada ato de produção/recepção de texto, jamais se repetindo. A enunciação se marca pela singularidade.

A temporoespacialização³² é necessária à criação de espaços enunciativos no processamento discursivo. Trata-se de um processo de construção contínua da/na enunciação. É indispensável para produção de sentido.

Por exemplo, retomando a “história dos barcos”, citada no tópico anterior, na produção de sentido a partir da notícia e do evento descrito, eu necessariamente me temporoespacializo ao integrar no momento (aqui/agora) da leitura (enunciação), o que será feito sempre, tempos e espaços diferentes do aqui/agora, como as viagens dos barcos em épocas diferentes, quando foi dada a notícia, a diferença de dias de viagem entre os dois barcos, embora cada um tenha viajado em anos diferentes. Nesse processo de leitura, de produção de texto, eu seleciono, incluo e organizo os eventos, e é nesse processo de seleção, inclusão e arranjo que me temporoespacializo, atualizando o tempo/espaço enunciativo base.

Nesse processo de atualização do espaço fase, operações de compressão emergem ao mesmo tempo em que atualiza o espaço fase. Assumo ainda que é a recursão que permite o falante se auto-organizar, integrando e organizando redes de espaço referenciais, ou seja, realizando compressão, na constituição (atualização) do espaço fase. É sobre a recursão que tratarei no tópico seguinte.

³² A adoção de “temporoespacialização” e não de “tempo e espaço” deve-se ao entendimento de que o primeiro marca muito mais um caráter processual, perspectiva deste trabalho. Desse modo, lê-se tempo e espaço como um processo, não como categorias fixas e estáticas.

2.4.4. A recursão

Conforme exposto no tópico anterior, a Teoria da Integração Conceitual, proposta por Fauconnier & Turner (2002), estrutura-se em busca de explicar como se dá a produção de sentido em uma perspectiva cognitiva. Segundo os autores, o processo de produção de sentido ocorre na dinâmica da criação, articulação e integração de espaços mentais (neste trabalho, denominados “espaços referenciais”³³). Essa integração ocorre através de uma operação que os autores denominam Integração Conceitual (*Blending*) e é possível devido à **recursão**. Para os pesquisadores, recursão é

um corolário básico do objetivo global da integração para alcançar a escala humana é que um espaço integrado a partir de uma rede pode frequentemente ser utilizado como *input* para integrações em outra rede.” (FAUCCONNIER; TURNER, 2002, p. 334)³⁴.

No quadro teórico proposto por Fauconnier & Turner, através da recursão, constitui-se um espaço integrado (*blended space*) resultante da integração de outros espaços que, por sua vez, pode ser usado como espaço fonte (*input*) para a construção de novas integrações, novas redes de espaços mentais. A essa operação, que configura redes de integrações recursivas, os autores denominam “integração de duplo escopo”. Segundo os autores, a capacidade do ser humano de realizar integrações de duplo escopo é o que caracteriza a especificidade da nossa espécie e é o que nos permite desenvolver a criatividade e, dessa forma, a arte, a ciência e as diferentes formas de linguagem, habilidades que nos diferenciam das demais espécies. “Integração de duplo escopo é a capacidade cognitiva elementar essencial que possibilita os seres humanos criarem e compartilharem arte.” (TURNER, 2006, p. 94)³⁵.

A fim de complementar a concepção de recursão proposta por Fauconnier & Turner (2002), passo a explicitar outra perspectiva para recursão.

O psicólogo experimental Corballis, em sua obra *The Recursive Mind: The Origins of Human Language, Thought, and Civilization*, defende a ideia de que a linguagem teve origem

³³ Conforme exposto no tópico (2.4.2.1), a adoção da nomenclatura “Espaços Referenciais” e não “Espaços Mentais” deve-se ao entendimento de que “Espaços Referenciais” enfatiza o caráter processual e dialógico das operações de integração, em acordo com Nascimento e Oliveira (2004); Paiva e Nascimento (2009).

³⁴ “One crucial corollary of the overarching goal of blending to Achieve human Scale is that a blended space from one network can often be used as an input to another blending network.” (FAUCCONNIER; TURNER, 2002, p. 334).

³⁵ “Double-scope is the crucial incremental cognitive capacity that makes it possible for human beings to create and share art.” (TURNER, 2006, p. 94).

na comunicação por gestos e que, anterior à linguagem, os pensamentos, então não-linguísticos, já possuíam propriedades recursivas através das quais a linguagem foi adaptada.

Corballis defende a tese de que a mente é recursiva por natureza. Ao defender essa tese, o pesquisador focaliza seu trabalho em dois modos de pensamento recursivo:

a) viajar mentalmente no tempo, que corresponde à habilidade para rememorar episódios do passado e imaginar acontecimentos futuros, ou seja, para o autor a memória é recursiva;

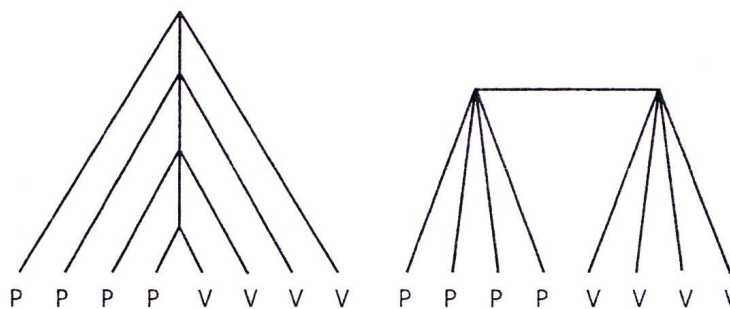
b) pensar sobre o ato de pensar, ou seja, habilidade para entender o que se passa na mente de outras pessoas, para dizer que penso que sei o que você está pensando e penso que você sabe o que eu sei que você sabe que eu estou pensando. Nesse sentido, o pesquisador afirma: “Isso também é recursivo. Eu devo conhecer não somente o que vocês estão pensando, mas devo conhecer também o que vocês conhecem que eu estou pensando.” (CORBALLIS, 2011, p. ix)³⁶.

Em seu trabalho, Corballis aponta para uma importante distinção entre *estrutura recursiva* e *processo recursivo* e afirma que estruturas resultantes de processos recursivos não necessariamente revelam a natureza desses processos, ou seja, que um processo recursivo pode gerar uma estrutura que não necessariamente seja recursiva.

Como exemplo, Corballis cita a seguinte situação: suponhamos que alguém vai construir uma sequência de notas musicais incorporando pares de notas, sendo que cada par consiste de uma nota para piano e outra nota para violino, todas escolhidas aleatoriamente. Ao primeiro par de notas, é incorporado outro par e assim sucessivamente até o quarto par de notas. A estrutura resultante desse processo pode ser ou não uma estrutura recursiva, como ilustrado a seguir:

³⁶ “This too is recursive. I may know not only what you are thinking, but I may also know that you know what I am thinking.” (CORBALLIS, 2011, p. ix).

Figura 3 – Estrutura recursiva e estrutura não-recursiva



Fonte: CORBALLIS, 2011, p. 08.

Na figura à esquerda, temos uma estrutura recursiva, uma sequência de pares de notas Piano e Violino encaixadas umas às outras. À direita, observa-se uma sequência de notas de Piano seguida por uma sequência igual de notas de Violino, sendo, portanto uma estrutura não-recursiva, mas que compreendeu um processo recursivo. Em outras palavras, o processo recursivo pode gerar a interpretação de uma estrutura recursiva ou não. Segundo o autor, Em qualquer evento é improvável que a recursão possa ser considerada um módulo. Como nós veremos, recursão parece ser um princípio organizante em muitas esferas diferentes da atividade mental humana (CORBALLIS, 2011, p. 14) (grifo meu)³⁷.

Partindo das características dos sistemas adaptativos complexos, assumi que a linguagem é uma atividade criativa adaptativa natural do ser humano, um sistema aberto, adaptativo, complexo, que tem como centro a recursividade. As definições e perspectivas apontadas por Fauconnier & Turner (2002) e por Corballis (2011) a respeito da recursão, me possibilitam reforçar essa concepção da centralidade da recursividade na linguagem: os primeiros por considerar a recursão base da integração de redes (de espaços referenciais), e Corballis por considerá-la um processo (operação) natural do ser humano, portanto, da linguagem humana.

Desse modo, posso afirmar que a recursão tem um papel fundamental na construção do espaço interlocutivo como um todo. Trata-se de uma operação constitutiva do processamento discursivo. É por meio da recursão, operação base da compressão, que o falante integra espaços referenciais, sempre a partir do espaço fase ou espaço enunciativo base.

³⁷ “I any event it is unlikely that recursion can be considered a module. As we shall see, recursion seems to be an organizing principle in very different spheres of human mental activity” (CORBALLIS, 2011, p. 14).

2.5. Síntese do Capítulo 2

Assumi até este momento do presente trabalho que:

a) a linguagem é uma propriedade constitutiva, (auto)criativa do animal humano, portanto um objeto do mundo natural;

b) essa noção de linguagem adotada me possibilita argumentar que é o modo de viver, de ‘ser’ do sujeito que produz texto/sentido: “Significado requer um cérebro funcionando em um corpo vivo que envolve seu ambiente – ambientes que são sociais e culturais, bem como físicos e biológicos.” (JOHNSON, 2007, p. 152);

c) essa afirmação vai ao encontro de uma das premissas da Linguística Cognitiva, que é a de se estudar a linguagem em uso, ou seja, o que o falante faz;

d) sobre “o que o falante faz”, assumo o pressuposto de Benveniste que as operações constitutivas do Aparelho Formal da Enunciação (configuração de pessoa-espço/tempo (eu/tu-aqui/agora)) representam uma condição para a criação do espaço interlocutivo; em outras palavras, a configuração do espaço interlocutivo necessariamente implica um ‘eu’, constituindo-se como enunciador, instituindo o ‘outro’ como enunciatário na construção de um tempo e espaço discursivo;

e) nessa perspectiva, assumo como objeto de estudo as operações que os falantes realizam, na construção de tempo/espço, na configuração do espaço interlocutivo;

f) ainda à luz de pressupostos da Linguística Cognitiva, como a busca por explicar a ação dos falantes em termos de princípios, esse objeto será investigado buscando contribuir para a explicitação da maneira como o falante cria e gere o espaço interlocutivo, no que concerne às operações de temporoespacialização do processamento enunciativo/discursivo.

g) assumo como hipótese que a operação de seleção, inclusão e arranjo de eventos, o que também pode ser compreendido como operações recursivas de integração de espaços referenciais ou de compressão, é a base para o falante configurar o tempo e espaço na gestão do espaço interlocutivo.

h) o que se afirma em (d) e (g) é que, na ação de produzir sentido, o falante necessariamente realiza operações de criação do espaço base/fase (eu/tu-aqui/agora), o que corresponde à criação do espaço enunciativo, e que essas operações só se instanciam através das operações que emergem do processo interlocutivo: as operações de seleção, inclusão e arranjo de eventos.

i) dito de outro modo, o que se afirma em (h) é que as operações que emergem do processo enunciativo, ao mesmo tempo em que instanciam as operações do espaço base/fase, o atualizam.

j) ao assumir a linguagem como SAC, concluo que ela é um sistema aberto que se auto-organiza, em função da enunciação (quem, como, onde, porque, como, quando da interlocução), caracterizada por mudanças e atualizações contínuas a partir da operação de seleção, inclusão e arranjo de eventos. E o que possibilita essa contínua atualização, através das operações de compressão, sempre no domínio de um e único espaço interlocutivo, é a recursão, uma operação constitutiva do processamento discursivo.

l) as mudanças ocorrem porque, assim como outros sistemas abertos, qualquer ser humano em ação de linguagem, o que necessariamente implica na enunciação, depende da “troca de energia e informação com o ambiente para existirem”. E é essa troca que permite a auto-organização.

Esse capítulo teve como objetivo apresentar uma articulação dos pressupostos adotados neste trabalho. Essa articulação será utilizada na análise do processo de temporoespacialização na configuração do espaço interlocutivo, a ser demonstrada no próximo capítulo.

3 – APLICAÇÕES

Pretendo neste capítulo ilustrar como essa articulação teórico-metodológica proposta no capítulo anterior pode ser utilizada na análise das operações de temporoespacialização na configuração do espaço interlocutivo. Na realização dessa tarefa, adotarei tais procedimentos:

- a) identificar alguns momentos (cenas) básicos no curta-metragem “Vida Maria”;
- b) identificar em cada narrativa como os informantes focalizam esses momentos, como eles os utilizam na produção do texto oral;
- c) realizar uma análise comparativa dos dados encontrados.

Desse modo, buscou-se identificar o que há de comum e de diferente, e o que é necessário, em termos da configuração de tempo/espaço em espaços enunciativos realizados em diferentes suportes: o multimidiático (filme) e a oralidade (narrativas de três informantes).

Os informantes serão identificados da seguinte forma: i) menina de 13 anos – informante A; ii) menino de 18 anos – informante B; iii) mulher de 35 anos – informante C.

3.1. A temporoespacialização no curta-metragem “Vida Maria”

O filme mostra a estória de Maria José, personagem que é levada a deixar seus estudos para trabalhar. Morando no sertão, sem perspectiva de uma vida melhor, enquanto trabalha, ela cresce, se casa, tem vários filhos e envelhece. Ao final, um caderno com nomes de várias “Marias” demonstra ser essa uma história de vida das várias gerações da família.

Ao tomar a palavra, situação default³⁸, o diretor do filme constrói-se virtualmente como enunciador construindo seus interlocutores, o público em geral, como enunciatários, instituindo o espaço interlocutivo base, ou espaço fase, espaço referencial criado no “aqui/agora” da enunciação, no qual o diretor irá integrar, via compressão, todos os demais espaços referenciais criados e comprimidos na produção do texto/filme.

A vida (infância, trabalho, filhos, velhice, morte) é o eixo do filme. Note-se que no título “Vida Maria”, “Maria” corresponde a um adjetivo, caracterizando um tipo de vida. O diretor integra através de imagens, via compressão, vários espaços referenciais que indiciam essas fases da vida, através da personagem Maria José: Maria José pequena escrevendo

³⁸ Assumir a fala, tomar a palavra.

(“desenhando”) no caderno; Maria José trabalhando; Maria José grávida; os vários filhos de Maria José; Maria José chamando a atenção da filha do mesmo modo (mesma cena inicial) para parar de ficar desenhando no caderno e a morte da mãe de Maria José.

"A vida", tema do filme, é então caracterizada, “desenhada”, em momentos, cenas (ações, com ou sem falas), que se sucedem em termos de acontecimentos, paisagens, caracterização de situações/personagens, etc.; momentos que se sucedem sendo incluídos na configuração da cena enunciativa.

Os vários anos que se passam na narrativa, ou seja, a temporoespacialização, são marcados através das mudanças na pele e nos cabelos da personagem Maria José. Além das mudanças físicas, pele mais enrugada e cabelos mais brancos, ao longo do filme aparecem novos personagens, os filhos e filhas de Maria José. Uma importante estratégia utilizada pelo cinegrafista/diretor para marcar essa “passagem do tempo” é o enquadramento da câmera. Há vários movimentos de focalização e afastamento da câmera, nesses movimentos, a personagem vai apresentando modificações físicas que indicam a passagem do tempo: a mudança da estatura, da roupa, da pele, do cabelo e gravidez. A trilha sonora também contribui para esse movimento, no decorrer do filme o som vai se tornando mais grave. Assim sendo, a cena é configurada através de recursos multimodais.

Um elemento utilizado pelo diretor também importante na marcação espaço/temporal de gerações da família é um caderno visualizado ao final do filme, o mesmo do início, que é focalizado e nele pode ser visto o nome de várias “Marias” escrito com letra cursiva, típica de crianças em processo de aprendizagem da escrita.

Na configuração do filme há dois momentos de “falas” da mãe para a filha, em duas gerações diferentes: na primeira cena, início do filme, a mãe de Maria José a ordena parar de ficar desenhando o nome e ir trabalhar; já quase no final do filme, Maria José repete a mesma fala, mesma cena com a filha Maria de Lurdes. Cada um desses dois espaços referenciais, constituídos por instâncias enunciativas, emergem e atualizam um e único espaço base/fase, o que pressupõe operações de compressão.

Pela descrição apresentada, relacionada à temporoespacialização na narrativa, podemos observar que o diretor realiza compressão de espaços referenciais (correspondentes a instâncias enunciativas ou não), que pode ser visualizada através da operação de seleção, inclusão e arranjo de eventos. Essa operação realizada no decorrer do curta só é possível pela instauração de um espaço interlocutivo base (espaço fase) em que o diretor configura uma narrativa, uma história, dirigindo-se a seus enunciatários, o público em geral, e à medida que

ele seleciona, inclui e arranja os eventos, ele atualiza esse espaço interlocutivo, ou espaço fase.

Para fins comparativos, escolhi os seguintes momentos do filme para verificar como os informantes os traduzem na oralidade, observando o processo de temporoespacialização: M1 = Maria José criança escrevendo no caderno; M2 = Maria José com muitos filhos; M3 = A morte da mãe de Maria José e M4 = O livro com o nome de várias “Marias”.

Destaca-se que esses momentos no filme são integrados através de recursos multimodais.

3.2. A temporoespacialização na narrativa do informante A

o filme conta a história... assim no iní/ bem no início da história... é uma menina que chama Maria José que fica nas/... sentada ((sinaliza com as mãos o ato de sentar)) assim é escrevendo seu nome na janela... aí chega a mãe dela e já fala pra ela pará de ficá fazendo na::da fazendo besteira... ficá desenhando ((sinal de aspas com os dedos)) o nome e ajudá ela no trabalho... aí... a Maria José... cresce... e começa a trabalhá:: tem a sua ca/ se casa né?!... se casa com o Tonho... aí ela fica grávida tem muitos e muitos filhos ((movimenta as mãos indicando quantidade)) continua trabalhando naquele sol quen::te do sertão... né?!... ela continua com isso... aí até que chega uma hora que ela entra dentro da casa e a filha dela... Maria de Lurdes... tá lá fazendo a mesma coisa que ela fazia ((sinal com a mão pra trás)) quando ela era pequena... desenhando seu nome no caderno... e ela repete a mesma coisa que a mãe falou com ela... né?! que era... sai daí:: vai fazer alguma co::isa me aju::da (e tal)... aí depois começa a passar as folhas do caderno ((gesticula as mãos como se estivesse passando as folhas de um caderno)) que a Maria de Lurdes tava escrevendo aí tava antes Maria José::... é as outras MaRIas ((movimento circular com as mãos pra trás))... a vida das outras MaRIas ((movimento circular com as mãos para trás)) antes da Maria José... então significa que aquela história se repetiu por muito e muito tempo... e é isso!

Assim como no filme, ao tomar a palavra, situação default, a menina constrói-se virtualmente como enunciadora construindo seus interlocutores, imageticamente crianças entre 12 e 13 anos de uma escola, como enunciatários, instituindo o espaço interlocutivo base, ou espaço fase, espaço referencial criado no “aqui/agora” da enunciação, no qual a narradora irá integrar, via compressão, todos os demais espaços referenciais criados e comprimidos na produção do seu texto.

Ao dirigir-se a seus enunciatários, a narradora começa por incluir um evento: “*o filme conta*”. Através dessa integração, a enunciadora atualiza o espaço base/fase construindo um espaço interlocutivo que já no início tem uma subcena enunciativa integrada: o filme.

Ao longo da sua narrativa, a narradora integra, via compressão, vários momentos visualizados no filme relacionados à vida de Maria, como, por exemplo: *“Maria José que fica nas/... sentada assim é escrevendo seu nome na janela...”*; *“a Maria José... cresce... e começa a trabalhá:: se casa com o Tonho... aí ela fica grávida”*; *“continua trabalhando naquele sol quen::te do sertão...”*; *“até que chega uma hora que ela entra dentro da casa e a filha dela... Maria de Lurdes... tá lá fazendo a mesma coisa que ela fazia quando ela era pequena... desenhando seu nome no caderno...”*; *“aí depois começa a passar as folhas do caderno que a Maria de Lurdes tava escrevendo”*; etc. Note-se que a narradora utiliza-se de expressões linguísticas denotativas de tempo e espaço referenciado (tempos verbais e advérbios) nesse processo de temporoespacialização, tendo como base a seleção, inclusão e arranjo de eventos.

A narradora temporoespacializa as gerações da família ao final da sua narrativa incluindo o caderno e ao fazer referências às outras “Marias” “que estavam lá”, a entonação (alongamento de vogais) também é uma estratégia utilizada pela narradora.

A narradora integra, no decorrer da narrativa, as duas outras subcenas presentes no filme: a) mãe da Maria José (enunciadora) e Maria José filha (enunciatária), em: *“aí chega a mãe dela e já fala pra ela pará de ficá fazendo na::da fazendo besteira... ficá desenhando ((sinal de aspas com os dedos)) o nome e ajudá ela no trabalho...”*; b) Maria José mãe (enunciadora) e Maria de Lurdes, filha de Maria José (enunciatária), em: *“ela repete a mesma coisa que a mãe falou com ela... né?! que era... sai daí:: vai fazer alguma co::isa me aju::da (e tal)...”*. Observa-se que a narradora utiliza-se dos dicendis e de entonação (alongamento de vogais) para incluir esses eventos, constituídos de instâncias enunciativas.

Ao final, a narradora diz: *“é isso!”*, o que remete-nos a toda cena enunciativa, marcando também o processo de temporoespacialização por ela realizado.

3.3. A temporoespacialização na narrativa do informante B

bem... o Vida Maria conta a história de uma menina né no caso a Maria José que... a mãe chama né ela tá na janela escrevendo seu nome e a mãe chama ela... manda ela procurar o que fazer tratar dos animais varrer o terreiro e tal... no caso o vídeo vai mostrando tipo eles mora no sertão né então mostrando que vem passando de família pra família né... de geração pra geração... aí passa de mãe aí vai passando né... aí no caso... no vídeo vai passando toda a vida da Maria José e tal... mostra ela crescendo... começa quando ela era criança aí ela tem filhos... casa... e no vídeo dá pra perceber tudo isso... aí no final de tudo mostra ela se passando pela mesma cena do início só que no caso ela passa como mãe... aí no finalzinho do vídeo mostra o livro né no qual elas tavam escrevendo o nome vai mostrando que no caso foram mais de uma Maria... foram várias... Maria da Conceição do Carmo aí dá pra perceber que:: uma coisa que vem passando uma tradição mesmo passa de mãe pra filho e isso vem de muito tempo atrás já... essa é a história do Vida Maria.

Ao tomar a palavra, situação default, o menino constrói-se virtualmente como enunciador construindo seus interlocutores, imagetivamente crianças entre 12 e 13 anos de uma escola, como enunciatários, instituindo o espaço interlocutivo base, ou espaço fase, espaço referencial criado no “aqui/agora” da enunciação, no qual o narrador irá integrar, via compressão, todos os demais espaços referenciais criados e comprimidos na produção do seu texto.

Ao dirigir-se a seus enunciatários, o narrador começa por incluir um evento: “*o Vida Maria conta*”. Através dessa integração, o enunciador atualiza o espaço base/fase construindo um espaço interlocutivo que já no início tem uma subcena enunciativa integrada: “*o Vida Maria*”.

Ao longo da sua narrativa, o narrador integra, via compressão, os vários momentos visualizados no filme relacionados à vida de Maria. É interessante notar que, diferentemente da informante A, esse narrador a todo tempo “retoma” o fato de ser um vídeo, um filme, isso pode ser visualizado, por exemplo, em: “*no caso o vídeo vai mostrando tipo eles mora no sertão né então mostrando que vem passando de família pra família né... de geração pra geração...*”; “*no vídeo vai passando toda a vida da Maria José e tal... mostra ela crescendo... começa quando ela era criança aí ela tem filhos... casa... e no vídeo dá pra perceber tudo isso...*”; “*aí no finalzinho do vídeo mostra o livro né no qual elas tavam escrevendo o nome vai mostrando que no caso foram mais de uma Maria... foram várias...; etc.* Note-se que, ainda que na atualização do espaço fase, via compressão, as emergências sejam diferentes, as operações fase são as mesmas: o narrador, ao longo de texto, temporoespacializa o espaço interlocutivo através de operações de compressão, que podem ser compreendidas como seleção, inclusão e arranjo de eventos. Ou seja, a natureza, a identidade do espaço enunciativo se mantém na dinâmica de sua variação. O narrador utiliza-se de expressões linguísticas denotativas de tempo e espaço referenciado (tempos verbais e advérbios) nesse processo de temporoespacialização, tendo como base a seleção, inclusão e arranjo de eventos.

O narrador temporoespacializa as gerações da família já no início da narrativa: “*mostrando que vem passando de família pra família né... de geração pra geração... aí passa de mãe aí vai passando né...*” e ao final da sua narrativa ao se referir ao livro em que “elas” (as “*Marias*”) escreveram: “*vai mostrando que no caso foram mais de uma Maria... foram várias... Maria da Conceição do Carmo aí dá pra perceber que:: uma coisa que vem passando uma tradição mesmo passa de mãe pra filho e isso vem de muito tempo atrás já...*”.

O narrador integra, no decorrer da narrativa, as duas outras subcenas presentes no filme: a) mãe da Maria José (enunciadora) e Maria José filha (enunciatária), em: “*a mãe chama ela... manda ela procurar o que fazer tratar dos animais varrer o terreiro e tal....*”; b) Maria José mãe (enunciadora) e Maria de Lurdes, filha de Maria José (enunciatária), em: “*aí no final de tudo mostra ela se passando pela mesma cena do início só que no caso ela passa como mãe...*”. Observa-se que o narrador utiliza-se dos dicendis para integrar, via compressão, a primeira subcena enunciativa. Já a segunda subcena ele a integra através da retomada da “cena” do filme, descrevendo uma inversão de papel da Maria José.

Ao final, o narrador diz: “*essa é a história do Vida Maria*”. o que remete-nos a toda cena enunciativa, marcando também o processo de temporoespacialização por ele realizado.

3.4. A temporoespacialização na narrativa do informante C

é uma história de uma família:: nordestina... é uma menininha pequeninha divia ter uns... uns... seis sete anos de idade... ela tava na janela da casa dela MUito humilde a casa e ela escrevia o NOme ela chamava Maria José... escrevia o nome dela vÁ::rias vezes nisso a mãe dela chama ela... pra... dá um jeito né pra ela tava muito tempo à toa ali escrevendo o nome dela... e manda ela saí dali Maria José:: vai fazê alguma co::isa pra me ajudá e pôs essa menininha pra trabalhá pra buscá água na fonte... ela va::i pega água da fo::nte... e nisso ela foi crescendo... foi ficando moc::inha foi ficando adulta... sempre fazendo essa mesma tarefa... e aí ela ficou adulta conheceu um:: homem se casou com ele... teve filhos... e:: a vida foi passando ela continuou sempre fazendo as mesmas coisas trabalhan::do naquela... casa préCÁ::ria que não tinha muitas condições não saía dali... e aí ela teve um mon::te de filhos... é:: e continuaram morando sempre no mesmo luGAR... e aí ela envelheceu... continuando fazendo as mesmas coisas naquela casa... e aí a mãe dela também faleceu... também não ((fala rápida e voz baixa)) a mãe faleceu e... é:: ela tinha uma neta ou a última filha dela caçula... não uma neta uma filha caçula tava debruçada na jaNEla escrevendo o nome dela também... e ela chegou pra ela e disse a mesma coisa que a mãe dela havia dito pra ela há muitos anos atrás... sai da jane::la vai fazê alguma co::isa cê tá aí à toa escrevendo o nome vai me ajudá... e a menininha saiu obedeceu... e foi enchê a lata d'água... e nisso passaram geraçõ::es e geraçõ::es vivendo do mesmo jeito fazendo as mesmas coisas e no próprio caderno onde a menininha escreveu os nomes tinha os nomes de tO::da a geração de todas as famílias que já passaram por ali escrevendo apenas o primeiro nome... e não saíam disso... só!

Assim como nas outras narrativas, ao tomar a palavra, situação default, a mulher constrói-se virtualmente como enunciadora construindo seus interlocutores, imageticamente crianças entre 12 e 13 anos de uma escola, como enunciatários, instituindo o espaço interlocutivo base, ou espaço fase, espaço referencial criado no “aqui/agora” da enunciação,

no qual a narradora irá integrar, via compressão, todos os demais espaços referenciais criados e comprimidos na produção do seu texto.

Ao dirigir-se a seus enunciatários, a narradora começa por incluir um evento: “*é uma história*”. Através dessa integração, a enunciadora atualiza o espaço base/fase construindo um espaço interlocutivo que já no início tem uma subcena enunciativa integrada: uma estória.

Ao longo da sua narrativa, a narradora integra, via compressão, os vários momentos visualizados no filme relacionados à vida de Maria, como, por exemplo: “*é uma menininha pequeninha divia ter uns... uns... seis sete anos de idade...*”; “*e nisso ela foi crescendo... foi ficando moci::nha foi ficando adulta...:: conheceu um:: homem se casou com ele... teve filhos...*”; “*e aí a mãe dela também faleceu...*”; etc. Note-se que a narradora utiliza-se de expressões linguísticas denotativas de tempo e espaço referenciado (tempos verbais e advérbios) nesse processo de temporoespacialização, tendo como base a seleção, inclusão e arranjo de eventos.

A narradora temporoespacializa as gerações da família ao final da sua narrativa incluindo o caderno e ao fazer referências às outras “*Marias*” “que estavam lá”: “*e nisso passaram geraçõ::es e geraçõ::es vivendo do mesmo jeito fazendo as mesmas coisas e no próprio caderno onde a menininha escreveu os nomes tinha os nomes de tO::da a geração de todas as famílias que já passaram por ali escrevendo apenas o primeiro nome... e não saíam disso...*” a entonação (alongamento de vogais) também é uma estratégia utilizada pela narradora.

A narradora integra, no decorrer da narrativa, as duas outras subcenas presentes no filme: a) mãe da Maria José (enunciadora) e Maria José filha (enunciatária), em: “*a mãe dela chama ela... pra... dá um jeito né pra ela tava muito tempo à toa ali escrevendo o nome dela... e manda ela saí dali Maria José:: vai fazê alguma co::isa pra me ajudá e pôs essa menininha pra trabalhá pra buscá água na fonte...*”; b) Maria José mãe (enunciadora) e Maria de Lurdes, filha de Maria José (enunciatária), em: “*e ela chegou pra ela e disse a mesma coisa que a mãe dela havia dito pra ela há muitos anos atrás... sai da jane::la vai fazê alguma co::isa cê tá aí à toa escrevendo o nome vai me ajudá...*”. Observa-se que a informante utiliza-se dos dicendis e de entonação (alongamento de vogais) para incluir esses eventos, essas instâncias enunciativas.

Ao final, a narradora diz: “*só!*”, o que remete-nos a toda cena enunciativa, marcando também o processo de temporoespacialização por ela realizado.

Apresento, a seguir, um quadro com alguns dados descritos. Para fins comparativos, escolhi os seguintes momentos do filme para verificar como os informantes os traduzem na oralidade, observando o processo de temporoespacialização:

M1 = Maria José criança escrevendo no caderno;

M2 = Maria José e seus muitos filhos;

M3 = A morte da mãe de Maria José;

M4 = O livro com o nome de várias “Marias”.

Informantes Operações	Filme	Informante A	Informante B	Informante C
<p>Espaço fase (pessoa/tempo/espço)</p>	<p>situação default ao produzir o filme.</p>	<p>situação default.</p> <p>repetição do dêitico “ela” referindo-se ao personagem.</p> <p><i>“bem no início da história”</i></p> <p>Final: <i>“significa que aquela história se repetiu por muito e muito tempo... e é isso!”</i>.</p>	<p>situação default.</p> <p>repetição do dêitico “ela” referindo-se ao personagem.</p> <p>Decorrer da narrativa: <i>“no caso o vídeo vai mostrando”</i> <i>“aí no finalzinho do vídeo mostra”</i></p> <p>Final: <i>“essa é a história do Vida Maria”</i>.</p>	<p>situação default.</p> <p>repetição do dêitico “ela” referindo-se ao personagem.</p> <p>Final: <i>“só!”</i></p>
<p>Pessoa/tempo/espço referenciados = alguns eventos descritos</p>	<p>Imagens: M1 = Maria José criança escrevendo no caderno; M2 = Maria José e seus muitos filhos; M3 = a morte da mãe de Maria José; M4 = o livro com o nome de várias “Marias”.</p>	<p>M1 = <i>“é uma menina que chama Maria José que fica sentada assim é escrevendo seu nome na janela...”</i>; M2 = <i>“aí ela fica grávida tem muitos e muitos filhos”</i>; M4 = <i>“aí depois começa a passar as folhas do caderno que a Maria de Lurdes tava escrevendo aí tava antes Maria José:... é as outras MaRIas... a vida das outras MaRIas antes da Maria José...”</i>.</p>	<p>M1 = <i>“ela tá na janela escrevendo seu nome”</i>; M2 = <i>“aí ela tem filhos”</i>; M4 = <i>“no finalzinho do vídeo mostra o livro né no qual elas tavam escrevendo o nome vai mostrando que no caso foram mais de uma Maria... foram várias... Maria da Conceição do Carmo”</i>.</p>	<p>M1 = <i>“é uma menininha pequenininha divia ter uns... uns... seis sete anos de idade... ela tava na janela da casa dela MUito humilde a casa e ela escrevia o NOme ela chamava Maria José... escrevia o nome dela vÁ::rias vezes”</i>; M2 = <i>“e aí ela teve um mon::te de filhos...”</i>; M3 = <i>“e aí a mãe dela também faleceu... também não ((fala rápida e voz baixa)) a mãe faleceu...;”</i> M4 = <i>“e no próprio caderno onde a menininha escreveu os nomes tinha os nomes de tO::da a geração de todas as famílias que já passaram por ali escrevendo apenas o primeiro nome...”</i>.</p>

Procurei sistematizar através desse quadro alguns momentos integrados no espaço interlocutivo do filme e em cada uma das narrativas dos informantes, momentos/eventos esses relacionados ao ciclo da Vida presente no filme.

Em uma análise comparativa, é possível perceber que, com exceção da morte da mãe de Maria José todos os narradores, de algum modo, integraram em seus textos essas cenas descritas visualmente no filme. Embora a morte da mãe seja um evento integrado somente pela informante C, é possível afirmar que os outros dois informantes demarcam esse “ciclo” de outras formas, como, por exemplo, nas seguintes passagens: “*aí depois começa a passar as folhas do caderno (...) é as outras MaRIas ((movimento circular com as mãos pra trás))... a vida das outras MaRIas ((movimento circular com as mãos para trás)) antes da Maria José... então significa que aquela história se repetiu por muito e muito tempo...*” (informante A); “*no caso o vídeo vai mostrando tipo eles mora no sertão né então mostrando que vem passando de família pra família né... de geração pra geração...*” (informante B).

Como explicitado nas análises de cada informante, todos eles integram, a partir do espaço fase, outro espaço referencial constituído por uma instância enunciativa, implementada por expressões dicendis: “*o filme conta a história*” (informante A); “*o Vida Maria conta a história*” (informante B); “*é uma história*” (informante C), ou seja, todos eles iniciam suas narrativas integrando, via compressão, dois espaços referenciais constituídos por instâncias enunciativas: espaço fase e espaço implementado por expressão dicendi. Note-se que o informante B, diferentemente dos outros informantes, destaca a todo tempo se tratar de um vídeo, um filme, inclusive com a repetição do verbo “mostrar” referindo-se ao vídeo. Em termos de operações, isso demonstra que ele atualiza o espaço fase em vários momentos temporoespacializando-o através da inclusão do filme. Além disso, podemos observar nessa narrativa que o informante inicialmente fala da “menina”, em seguida, remetendo o seu interlocutor a toda cena enunciativa, ao ponto de vista constituído na configuração do enunciador, ele diz que o vídeo “*vai mostrando que vem passando de família pra família né... de geração pra geração...*”, e depois afirma: “*no vídeo vai passando toda a vida da Maria José e tal... mostra ela crescendo... começa quando ela era criança aí ela tem filhos... casa...*”.

Essa rede de integrações realizada pelo informante B demonstra que o trabalho de produção de texto/sentido é marcado pela não-linearidade. A mente não trabalha linearmente, e isto só se torna mais evidente numa concepção processual de linguagem, que opere com a

construção simultânea de redes de espaços referenciais que se integram numa cena enunciativa única.

Através das análises dos textos e do quadro, é possível concluir que os informantes representam diferentemente os eventos descritos no filme. Todos eles marcam, de algum modo, o seu eixo: a Vida, um tipo de vida, a “Vida Maria”.

Note-se que na criação do espaço fase, é através da seleção, inclusão e arranjo de eventos (integração de espaços referenciais via compressão) que cada informante temporoespacializa o espaço interlocutivo. A emergência dessas operações de seleção, inclusão e arranjo de eventos é diferente em cada uma das narrativas. Isso pode ser observado pelos diferentes momentos e modos em que cada informante inclui os eventos e pelo modo como realiza essa inclusão, o que é marcado através do uso de diferentes recursos linguísticos. Emergências diferentes que evidenciam as mesmas operações: a construção de um espaço interlocutivo, espaço fase necessariamente implica um ‘eu’, constituindo-se como enunciador, instituindo o ‘outro’ como enunciatário na construção de um tempo e espaço discursivo. Na configuração desse espaço, o falante se temporoespacializa integrando, via compressão, espaços referenciais, sempre no domínio de um e único espaço interlocutivo (espaço fase). Essa integração/compressão é evidenciada através da seleção, inclusão e arranjo de eventos.

Nesse processo de gestão do espaço interlocutivo, o falante atualiza o espaço fase através dessas operações de seleção, inclusão e arranjo de eventos, ao mesmo tempo em que são elas a condição para a instanciação do espaço fase, ou seja, as operações que emergem do processo enunciativo, ao mesmo tempo em que instanciam as operações do espaço base/fase, o atualizam.

E o que possibilita essa atualização, através das operações de compressão, sempre no domínio de um e único espaço interlocutivo é a recursão, uma operação natural do ser humano, da linguagem humana. Trata-se de uma operação constitutiva do processamento discursivo. Através da recursão, a identidade do espaço fase se mantém na dinâmica de sua variação.

Portanto, os momentos "temporoespaciais" emergem de modos diferentes na produção textual dos informantes através das mesmas operações: seleção e inclusão recursiva de eventos, operações que podem ser tomadas como constitutivas da configuração do espaço enunciativo, confirmando a hipótese assumida neste trabalho.

Compreender a linguagem como um SAC nos leva ao entendimento de que sua organização se dá através de redes recursivas hierárquicas. Esse modo de organização é possibilitado pelo princípio da recursividade, manifestado em operações de recursão.

CONCLUSÃO

Este trabalho iniciou-se na busca de se compreender as operações básicas de construção de tempo/espaço realizadas pelos falantes na configuração do espaço interlocutivo. Assumindo como hipótese de que o processo de temporoespacialização na construção do espaço interlocutivo implica fundamentalmente operações de seleção, inclusão e arranjo de eventos.

Para tanto, realizei uma articulação de pressupostos teórico-metodológicos que objetivaram i) elucidar uma noção de linguagem que orientou o meu ponto de vista sobre o objeto de estudo: linguagem como um SAC; ii) especificar noções/categorias teóricas que norteiam esse objeto: espaço interlocutivo, enunciação. iii) especificar as operações realizadas nesse processo de construção do espaço interlocutivo, buscando identificar sua natureza. Em síntese, busquei articular um conjunto de pressupostos teórico-metodológicos propondo-o como instrumental a ser utilizado na identificação e análise de operações constitutivas básicas de espaços interlocutivos no processamento discursivo.

Esse percurso teórico argumentativo me possibilitou afirmar que:

- a) as operações de produção de texto/sentido, de construção do espaço interlocutivo, emergem da atividade adaptativa complexa dos falantes em interação em um determinado nicho biossociocultural;
- b) na condução e gestão dessa atividade adaptativa complexa, os falantes temporoespacializam esse espaço, efetuando operações que são definitórias no processo - operações fase - e operações emergentes que atualizam as operações fase. Sendo que as operações fase só se instanciam através e a partir das operações emergenciais no processamento discursivo;
- c) essas operações emergentes, que instanciam e atualizam o espaço fase, são as operações de compressão, que podem ser compreendidas como seleção, inclusão e arranjo de eventos na configuração do espaço interlocutivo;
- d) essas operações podem ser reduzidas a uma e única operação: a recursão. É por meio da recursão, operação base da compressão, que o falante integra espaços referenciais, sempre a partir do espaço fase ou espaço enunciativo base. Desse modo, a recursão tem um papel fundamental na construção do espaço interlocutivo como um todo, trata-se de uma operação constitutiva do processamento discursivo.

Em seguida, com um caráter ilustrativo, explicitarei uma experiência realizada com três informantes a partir do curta-metragem “Vida Maria”, buscando exemplificar a utilização dos pressupostos teórico-metodológicos propostos no capítulo 2.

A finalidade deste trabalho foi tão-somente apresentar um outro olhar sobre a natureza da linguagem, sobre a natureza das operações básicas do Aparelho Formal da Enunciação, deixando pistas para discussões posteriores.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BEAUGRANDE, R. de. *New Foundations for a Science of Text and Discourse*: Cogniton, Communication, and Freedom of Access to Knowledge and Society. Norwood: Ablex Publishing Corporation, 1997.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral I*. 4ª ed. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luiza Néri. Campinas, SP: Pontes - Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1995.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral II*. Trad. Eduardo Guimarães *et al.* Campinas, SP: Pontes - Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989.

BRANDT, Per Aage. Mental spaces and cognitive semantics: A critical comment. *Journal of Pragmatics*, n. 37, pp. 1578-1594, 2005.

BRANDT, Line; BRANDT, Per Aage. Making sense of a blend: a cognitive semiotic approach of metaphor. *Annual Review of Cognitive Linguistics*, n. 3, pp. 216-249, 2005.

CAPRA, Fitjot. *As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Cultrix, 2005.

CAPRA, Fitjof. *The web of Life – A New Scientific Understanding of Living Systems*. New York: Anchor Books, 1996. TRADUÇÃO : *A teia da vida* – 2006.

CHOMSKY, Noam. *Biolinguistics and the Human Capacity*. Lecture at MAT, Budapest, May 17, 2004.

CHOMSKY, Noam. *Knowledge of Language: Its Nature, Origin, and Use*. New York: Praeger, 1986. Tradução: *O Conhecimento da Língua, Sua Natureza, Origem e Uso*. Tradução de Anabela Gonçalves e Ana Teresa Alves. Lisboa: Caminho, 1994.

CHOMSKY, Noam. “Novos Horizontes no Estudo da Linguagem”. In: *Documentação de estudos em Linguística Teórica e Aplicada* (Delta), v. 13; n. especial, São Paulo, 1997.

CHOMSKY, Noam. *Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente*. Trad. Marco Antônio Sant’Anna. São Paulo: editora UNESP, 2005.

CHOMSKY, N. *On Nature and Language*. Cambridge University Press, 2002.

CORBALLIS, Michael C. *The Recursive Mind*. The origins of human language, thought, and civilization. United States of America: Princeton University Press, 2011.

CURRÍCULOS referentes ao curta Vida Maria. Disponível em: <<http://portacurtas.org.br/Elementos/4910/4910-cvddiretor.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2012).

FAUCONNIER, Gilles. *Mappings in Thought and Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, Gilles. *Mental Spaces: aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FAUCONNIER, Gilles, SWEETSER, Eve. Cognitive links and domains: basic aspects of mental space theory. In: *Spaces Worlds and Grammar*. Chicago:U.Chicago Press: 1996, pp.1-28.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.

GIBSON, James J. *The ecological approach to visual perception*. Boston: Houghton Mifflin, 1986.

HAUSER, M. D.; CHOMSKY, N; FITCH, T. "The faculty of language: what is it, who has it, and how did it evolve?" In: LARSON, R. K.; DÉPREZ, V.; YAMAKIDO, H. *The Evolution of Human Language – biolinguistic Perspectives*. Cambridge University Press, 2002, p. 14-42.

ILARI, Rodolfo. "Linguagem – atividade constitutiva (idéias e leituras de um aprendiz)". In: *Revista Letras*, Curitiba: editora UFPR, n. 61, especial, 2003, p. 45-76.

JOHNSON, Mark. *The Meaning of the Body: a esthetics of human understanding*. London: The University of Chicago Press, 2007.

LAROUSSE, *Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo, Larousse do Brasil, 2005.

LARSEN-FREEMAN, D. & CAMERON, L. *Complex Systems and Applied Linguistics*. Oxford University Press, 2008.

MORIN, Edgar. "A noção de sujeito". In: SCHNITMAN, Dora Fried. (org.) *Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade*. Porto Alegre: ARTMED, 1996, pp. 45-58.

MORIN, Edgar. *O método 1: A natureza da natureza*. Editions du Seuil, 1977.

MORIN, Edgar. *O método 2: a vida da vida*. Porto Alegre: Sulina, 2001.

NASCIMENTO, M. "Linguagem como um sistema complexo: interfases e interfaces". In: PAIVA, V.L.M. de O.; NASCIMENTO, M. (orgs.) *Sistemas Adaptativos Complexos: Língua(gem) e Aprendizagem*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009, p. 61-72.

NASCIMENTO, Milton; OLIVEIRA, Marco Antônio de. Texto e hipertexto: referência e rede no processamento discursivo. In: NEGRI, Ligia; FOLTRAN, Maria José; OLIVEIRA, Roberta Pires de (Org.). *Sentido e Significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*, São Paulo: Contexto, 2004, pp. 285-299.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira; NASCIMENTO, Milton. “Hipertexto e complexidade”. In: *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v.9, n.3, p. 519-547, set./dez. 2009.

RAMOS, Márcio. Portfólio online. Disponível em: <<http://www.viacg.com/>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

RICHARDSON, Kurt A. *Thinking about Complexity – Grasping the Continuum through Criticism and Pluralism*. USA: Litchfield Park, 2010.

SANTOS, Andréa Cattermol Izar. *Linguagem e gêneros discursivos: sistemas adaptativos complexos*. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2010. (Tese de Doutorado).

SINHA, Chris. “Language as a biocultural niche and social institution”. In: *New Directions in Cognitive Linguistics*. Edited by Vyvyan Evans e Stéphanie Pourcel. John Benjamins North America, 2009, p. 289-309.

TURNER, Mark (Ed.). *The Artful Mind*. Oxford University Press, 2006.